UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HOTELARIA E TURISMO (PPHTur)

CYBELLE VIRGÍNIA RIBEIRO PAULO

“Podemos dar as mãos?”: uma análise sobre territórios, consumo e lazer de mulheres lésbicas na cidade do Recife-PE

RECIFE
2024

CYBELLE VIRGÍNIA RIBEIRO PAULO

“Podemos dar as mãos?”: uma análise sobre territórios, consumo e lazer de mulheres lésbicas na cidade do Recife-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Hotelaria e Turismo.

Área de concentração: Turismo, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Ferreira Guerra

RECIFE
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Paulo, Cybelle Virgínia Ribeiro.
Podemos dar as mãos?: uma análise sobre territórios, consumo e lazer de mulheres lésbicas na cidade do Recife-PE / Cybelle Virgínia Ribeiro Paulo. - Recife, 2023.
91 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo, 2023.
Orientação: José Roberto Ferreira Guerra.
Inclui referências, anexo e apêndice.

1. Mulheres lésbicas; 2. Sociabilidade; 3. Consumo. I. Guerra, José Roberto Ferreira. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

CYBELLE VIRGÍNIA RIBEIRO PAULO

“Podemos dar as mãos?”: uma análise sobre territórios, consumo e lazer de mulheres lésbicas na cidade do Recife-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Hotelaria e Turismo.

Área de concentração: Turismo, Cultura e Sociedade

Aprovado em: 21 / 12 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. José Roberto Ferreira Guerra (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

_____
Profª. Drª. Denise Clementino De Souza (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

_____
Profª. Drª. Flávia Zimmerle Da Nóbrega Costa (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Dedico esta dissertação à minha avó Zefinha
que está no plano espiritual e
a Lunna, o anjo que chegou a este plano
para trazer luz às nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me ajudado, fortalecido em todos os momentos, acalmando meu coração e colocando as pessoas certas na minha vida.

Toda a caminhada para chegar aqui só foi possível graças a minha família, principalmente Jacqueline e Paulo, meus pais, que sempre estiveram em todas as situações, ajudando, patrocinando, apoiando e acreditando que a filha deles pudesse fazer coisas incríveis. Foram dias de preocupações, alguns tempos de afastamento e uma pandemia que só nos fez mais fortes juntos. Muito obrigada por tudo que me proporcionaram!

Acompanhando mais de perto estava a minha esposa Juliene, que esteve em todos os momentos, fazendo café quando tinha a aula online e quantas ela assistiu… Chegou a conhecer alguns dos meus professores, inclusive o orientador. Este trabalho é inspirado nela, quando eu trago no título a pergunta “podemos dar as mãos?” é uma pergunta pessoal que já fiz para ela em locais públicos. Agradeço imensamente por você ser essa pessoa incrível, que esteve ao meu lado nos mais de dois anos de curso, por me ajudar, discutir todos os assuntos daqui, assistir todos os filmes e documentários, e ainda debater textos e lê-los também.

Agradeço aqui a bolsa da Capes, que me possibilitou a dedicação exclusiva aos estudos do mestrado. Aproveito para agradecer ao PPHTur, principalmente aos professores que nos ensinaram dentro e fora de sala de aula, que mesmo em meio a pandemia do Covid-19, poderíamos ter esperanças, adquirir novos conhecimentos, aprender novas habilidades e até fazer amigos pelo nosso tão usado *Google Meet*.

Gostaria aqui de agradecer especialmente ao meu orientador, professor Roberto Guerra que me possibilitou chegar a outros e novos conhecimentos, sempre disposto a arrumar um novo livro pra mim para que pudesse melhorar a pesquisa (os meus favoritos são os de Renan Quinalha). Juntamente com o professor Léo Mozdzenski, que incentivou um outro formato de escrita e me passando ensinamentos e experiências de quem estuda a área LGBT a um tempo, agradeço por todas as inspirações, indicações e por ser esse ser humano incrível, ah claro obrigada pelo livro.

Sou grata também pela experiência de estágio de docência que tive com a professora Nathália Körössy, me possibilitando ministrar algumas aulas, trazer outras referências para a sala de aula e de quase cursar uma a disciplina Planejamento e Organização

do Turismo I (que não paguei no curso de hotelaria). Muito obrigada por tudo professora, todo o conteúdo sobre cidades veio a partir de suas indicações.

No entanto, sabemos que em meio ao *lockdown,* causado pela pandemia do Covid-19, passamos por muitos processos dentro de nossos lares. Fazer o mestrado com aulas dentro de casa me fez passar por inúmeras variações de emoções, de desligar a câmera no meio da aula pra chorar e me questionar se merecia mesmo estar neste lugar, até ficar muito feliz por ter apresentado um bom trabalho. Tudo isso me levou a fazer terapia, inclusive recomendo a todos, então agradeço aqui do fundo do meu coração a minha psicóloga Fernanda por ter me ajudado tanto neste final de curso, agradeço a Deus ópor ter colocado você em nossas vidas, serei eternamente grata.

Neste período de curso (2021-2023) muitos perderam entes queridos, aqui gostaria de agradecer por ter tido a oportunidade de ter conhecido e ter vivido com minha avó Zefa, com Tia Claudia, com Lionaldo, com Tia Angela, com Dona Hilda, com a minha querida prima Crycia, com a professora Jô e com Waldenilson. Sou muito grata por todos os aprendizados e sonhos.

Por último, e não menos importante, gostaria de agradecer aos meus amigos, que são a família que construímos, muito obrigada Luan, Airton, Veruska, Hebert e Victor, nossos momentos me fizeram forte na dificuldade do isolamento, de ano novo em casa e conversas online, amo muito vocês. Neste meio tempo também encontrei uma amiga-irmã, Evelyn sempre foi incentivadora dos meus projetos, uma amizade que se estreitou quando Lunna chegou, o amor transbordou e meu mundo se fez mais feliz com elas na nossa casa, obrigada por vivenciar este momentos com vocês.

Ps: Meus gatos estiveram muito presentes durante todo o curso, Zuele, Amy Winehouse e Floriano que foi o mais participativo e companheiro, fazendo aparições em sala e sendo apresentado no estilo “Rei Leão” aos meus colegas e professores.

“A onda dos caras
É fazer com que geral acredite que só existe
Um único e exclusivo modo de vida neste mundo
O modelo controlado por eles.
Repense! Reflita! Recuse! Resista!”
(Distopia - Criolo e Planet Hemp, 2022)

RESUMO

A cidade do Recife, conhecida por sua diversidade cultural, ainda apresenta desafios específicos para a comunidade lésbica, muitas vezes invisível e marginalizada. Diante desse contexto, esta pesquisa emerge da necessidade de compreender os processos de formação e consolidação de territorialidades das mulheres lésbicas na cidade, com um enfoque específico na ocupação de espaços de consumo e lazer. Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa adotou entrevistas semiestruturadas como método principal de coleta de dados, seguido pela análise de narrativa para explorar as experiências ricas das participantes. A amostra, composta por mulheres lésbicas da cidade do Recife e da RMR, é intencionalmente diversificada, refletindo a pluralidade de vivências e contextos. As entrevistas semiestruturadas proporcionam um espaço aberto para as participantes compartilharem suas experiências em relação ao consumo, lugares e lazer na cidade. Destacam-se espaços específicos como bares, boates e espaços públicos (praças e ruas) frequentados por mulheres lésbicas. A análise de narrativa é incorporada para proporcionar uma compreensão mais profunda das histórias de vida, desafios e conquistas dessas mulheres em seus espaços cotidianos.A análise de dados, qualitativa e interpretativa, identifica padrões, temas emergentes e nuances nas narrativas das participantes. A análise de narrativa destaca não apenas os desafios enfrentados, mas também as estratégias de resistência e as formas ativas como essas mulheres moldam seus espaços de consumo e lazer. Essa dissertação contribui para a compreensão da complexidade das territorialidades lésbicas em Recife, proporcionando insights valiosos sobre como as mulheres lésbicas enfrentam e transformam os desafios urbanos. Ao focalizar espaços específicos e histórias pessoais, a pesquisa oferece uma visão aprofundada das estratégias de resistência e resiliência dessas mulheres na busca por inclusão e reconhecimento em uma cidade diversificada, mas desafiadora. As entrevistadas apresentaram situações de dificuldade de fazer valer seus direitos, de lesbofobia e agressão, que modificaram sua forma de consumir determinados espaços na cidade. Também foi perceptível que para as mulheres lésbicas a ocupação de uma localidade não contribui para a formação da identidade e sim as pessoas que estão ao seu redor, com o advento da internet diminuiu-se a necessidade de estar em um certo lugar para encontrar pessoas com os mesmos gostos. Por último ressalta-se que a segurança é de suma importância para as mulheres.

Palavras-chave: Mulheres lésbicas; Sociabilidade; Consumo; Hospitalidade urbana.

ABSTRACT

The city of Recife, known for its cultural diversity, still presents specific challenges for the lesbian community, which is often invisible and marginalized. Given this context, this research emerges from the need to understand the processes of formation and consolidation of territorialities of lesbian women in the city, with a specific focus on the occupation of consumption and leisure spaces. With a qualitative approach, the research adopted semi-structured interviews as the main data collection method, followed by narrative analysis to explore the rich experiences of the participants. The sample, made up of lesbian women from the city of Recife and RMR, is intentionally diverse, reflecting the plurality of experiences and contexts. Semi-structured interviews provide an open space for participants to share their experiences regarding consumption, places and leisure in the city. Specific spaces such as bars, nightclubs and public spaces (squares and streets) frequented by lesbian women stand out. Narrative analysis is incorporated to provide a deeper understanding of these women's life stories, challenges, and achievements in their everyday spaces. Qualitative and interpretive data analysis identifies patterns, emerging themes, and nuances in participants' narratives. The narrative analysis highlights not only the challenges faced, but also the resistance strategies and the active ways in which these women shape their consumption and leisure spaces. This dissertation contributes to understanding the complexity of lesbian territorialities in Recife, providing valuable insights into how lesbian women face and transform urban challenges. By focusing on specific spaces and personal stories, the research offers an in-depth look at these women's resistance and resilience strategies in their search for inclusion and recognition in a diverse but challenging city. The interviewees presented situations of difficulty in asserting their rights, of lesbophobia and aggression, which changed their way of consuming some places in the city. It was also noticeable that for lesbian women, the occupation of a location does not contribute to the formation of identity, but rather the people around them. With the advent of the internet, the need to be in a certain place to meet people with the same tastes. Finally, it should be noted that safety is of paramount importance for women.

Keywords: Lesbian women; Sociability; Consumption; Urban hospitality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANOVA - Análise de Variância

APOLGBT-SP - Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Embratur - Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GAA - *Gay Activists Alliance*

GGB - Grupo Gay da Bahia

GLF - *Gay Liberation Front*

GLS - Gays, Lésbicas e Simpatizantes

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais

LGBTI+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais e Intersexuais, "+" termo guarda-chuva para todas as outras identidades de gênero e orientações sexuais .

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e Aliados, "+" termo guarda-chuva para todas as outras identidades de gênero e orientações sexuais.

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PPGDH - Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos

PPHTur - Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo

RMR - Região Metropolitana de Recife

STF - Supremo Tribunal Federal

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pesquisa do termo “Recife” no Mapa LGBTI 10
Figura 2 - Email Camara LGBT 19
Figura 3 - Ferro’s Bar 25
Figura 4 - Protesto no Ferro’s Bar 25
Figura 5 - Boletim de comemoração 26
Figura 6 - Intervenção artística no Recife Antigo em comemoração aos 50 anos do Dia do Orgulho LGBT 29
Figura 7 - Pintura da faixa em comemoração ao Dia do Orgulho LGBT, na Rua das Ninfas, bairro da Boa Vista 29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento bibliográfico 13
Tabela 2 - Perfil das mulheres entrevistadas 37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **6**
1.1 Objetivos **12**
1.1.1 Objetivo Geral 12
1.1.2 Objetivos específicos 12
2. REFERENCIAL TEÓRICO **14**
2.1 Revisão sistemática de literatura **14**
2.1.1 Hospitalidade, Consumo e Territorialidade. 14
2.1.2 Turismo, Gênero e Sexualidade. 15
2.1.3 Espaços de Lazer e História LGBT. 16
2.2 Cidade receptora e a cidade do dia-a-dia **17**
2.3 Mulheres lésbicas: entre lutas e direitos **23**
2.4 Espaços de sociabilidade, lazer e consumo **30**
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **34**
3.1. Coleta de Dados **34**
3.2. Análise de Dados **35**
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS **37**
REFERÊNCIAS **50**
ANEXO **57**
APÊNDICES **58**

1. INTRODUÇÃO

O interesse por estudos sobre o público LGBT[1] iniciou-se ainda no curso de graduação em Hotelaria na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sendo o pontapé inicial o resumo expandido aprovado e apresentado no 11° Fórum Internacional das Cataratas - Foz do Iguaçú (PR) em 2017, falava sobre a hospitalidade ao público LGBT em hoteis da cidade de João Pessoa. Começando o desafio de falar sobre sexualidade, levei o tema também para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)[2]. Continuando no mesmo caminho, entrei no mestrado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com o projeto focando no público LGBT.

Durante as disciplinas do mestrado, vários horizontes se abriram para este estudo. Os professores tiveram uma grande importância nessa jornada de crescimento acadêmico e também de enriquecimento da pesquisa. Até a apresentação da qualificação o trabalho falava da territorialidade e espaços de lazer do público LGBT em Recife-PE, porém através das diretrizes discutidas na ocasião, decidimos em consenso, focarmos apenas o tema nas mulheres lésbicas. Ressalto aqui o fato de que tanto no TCC, quanto na qualificação e dissertação, estes trabalhos foram os primeiros sobre o público LGBT tanto no Departamento de Turismo e Hotelaria (UFPB), quanto no Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo (UFPE).

Por ser uma mulher cis, preta e bissexual, pela primeira vez num relacionamento sério com outra mulher, reparei a forma de me relacionar mudar. Percebi que coisas ditas comuns para casais heterossexuais, são difíceis ou até perigosas para pessoas como nós. A partir disso, veio a ideia da primeira parte do título do trabalho: "podemos dar as mãos?". Por falta de experiência nessas situações, e medo de sofrer algum tipo de represália, até me habituar, perguntava à minha esposa, que já tinha experiências anteriores, se em lugares específicos seria seguro demonstrar atos de afeto.

---

[1] LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Mesmo sabendo da existência da sigla completa LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, não-binário e + abarcando outras identidades) , decidimos usar a sigla mais curta para facilitar a escrita e permitir que o trabalho seja encontrado mais facilmente por outros autores da área.

[2] Com o título: “Todxs são Bem-vindxs: Um estudo sobre a hospitalidade LGBTQ+ nos hoteis de João Pessoa” o TCC questionava como ocorria esta dita “hospitalidade LGBT” na cidade. Anos antes, o Governo do Estado da Paraíba havia decretado a Lei Nº 7.309 de 2003 que “Proíbe a discriminação ou preconceito em virtude de orientação sexual e da identidade de gênero no Estado da Paraíba”. Em 2017 esta lei recebeu o reforço da lei Ordinária Nº 10.895 de 2017 que “Dispõe sobre a obrigatoriedade de afixação de cartaz em estabelecimentos comerciais e órgãos públicos, informando que a Lei Estadual nº 7.309/2003”. O resultado da pesquisa do TCC demonstrou que os trabalhadores dos hoteis, que participaram da entrevista, possuíam uma consciência sobre diversidade sexual e tratavam seus hóspedes com respeito, independente de suas orientações sexuais. Num desses hoteis, inclusive, realizou-se um workshop com os funcionários sobre a hospitalidade para com o público LGBT.

Silva (2018, p. 192) fala que:

> No universo da etnografia, [...], a escrita que ela produz é sempre implicada, engajada. Nela o autor assume-se uma espécie de porta-voz de um tema, de uma causa, do grupo pesquisado em muitos casos, o que torna difícil o 'desmisturamento' acadêmico preconizado em outros modos de fazer pesquisas.

O "desmisturamento" citado por Silva apresenta como podemos ser esse "porta-voz" de situações do nosso cotidiano, mas a minha relação com este estudo vai além[3]. Para Oliveira, Bittar e Souza (2019, p. 99) "O sujeito dessa experiência era quem escrevia aqueles textos e não a terceira pessoa a quem me referia…". Juntamente com a leitura de estudos de outras áreas das ciências sociais (Lemos, 2019; Sobrinho e Duque, 2023), foi possível perceber como poderia ir além para estudar os dados, que estavam em mim e em meu entorno, para tal foi escolhido a Análise de Narrativa para auxiliar no estudo como um todo, mas principalmente como análise das entrevistas produzidas nesta pesquisa.

"Havia uma história a ser contada, e esta não se encaixava nos moldes acadêmicos que eu estava habituada a seguir." (Oliveira, Bittar e Souza, 2019, p. 99), a partir dos pontos apresentados, tenho aqui o intuito de problematizar questões das nossas vivências e ocupações dos espaços, focando nas mulheres lésbicas da capital e na Região Metropolitana de Recife (RMR).

Somos todos atores na sociedade, e a cidade é como um palco para as ações cotidianas da população. Os centros urbanos têm uma grande relevância na construção deste cotidiano, muitas vezes são locais de recomeço. Pessoas que saem do interior para tentar a vida em grandes cidades, principalmente em busca de uma melhor qualidade de vida. Para o público LGBT é vantajoso estar nesses grandes centros, principalmente porque possibilitam um anonimato e uma maior liberdade de expressão (Quinalha, 2022).

Dumazedier (1973) fala que lazer é o conjunto de várias ocupações, individuais ou em grupo, onde o indivíduo pode aproveitar o tempo livre da maneira que quiser, sendo para descansar, se divertir, se informar, se entreter ou ser solidário à comunidade. Para o autor, o que está à margem das obrigações (diárias ou sociais) é considerado lazer, ele conta inclusive com as obrigações com os familiares. Sendo

[3] A etnografia foi encontrada no meio das pesquisas e ampliou o meu olhar sobre o estudo, baseado em autores da antropologia como Franz Boas (1858 - 1942), Malinowski e outros. Eles apresentaram a ideia da etnografia a partir da observação participante, observando o meio por tempo suficiente para não ser percebida como uma estranha e olhar para o público estudado com "os óculos" deles. (Castro, 2016)

assim, a principal função do lazer está atrelado ao descanso, diversão e desenvolvimento pessoal.

Frequentando a Rua das Ninfas, no centro de Recife, um dos locais mais conhecidos pelo público LGBT da cidade, surgiu o questionamento: como este local se tornou um espaço LGBT? Há nesta localidade vários bares e boates focados no público, mas a rua é o ponto de encontro e é normalmente ocupada nos fins de semana, em sua maioria por homens gays e *Drags.* Focando nas mulheres lésbicas, quais espaços de lazer em Recife-PE elas são maioria? O que as leva para esses locais? Como ocorre a ocupação destes espaços por elas?

Milton Santos (1978, p. 122) fala que “o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções”, sendo assim a territorialidade é criada a partir das relações sociais das pessoas, percebendo que a ocupação dos locais também é importante para a construção da identidade do indivíduo em sociedade.

Aqueles questionamentos me levaram à pesquisas iniciais sobre os locais de lazer na capital, destaco aqui a publicação do Jornal do Comércio (JC, 2014), que por meio do seu portal online, divulgou um mapa da cidade do Recife com alguns locais ocupados ou destinados para LGBTs, porém a maioria dos locais relatados eram exclusivamente masculinos. Ainda no mesmo ano, a Guiya Editora publicou um infográfico com os locais de lazer LGBT na cidade, além disso, dividindo por categorias de preferências e locais específicos para mulheres. Nestas buscas encontrei Malta, Barbosa e Medaglia que explicam sobre consumo, principalmente no turismo e com o advento da internet. Onde eles, a partir de outros autores também, apresentam o consumo como um processo de muitas facetas, que envolvem bens de consumo e o consumidor, abarcando experiências e preferências. Sendo considerado também o entorno do indivíduo, visando que o consumo depende de valores e orientações (Malta, 2018; Barbosa e Medaglia, 2019)

Considerando também a cultura do consumo, que parte dos valores, porém focados em estilos de vida e identidades (Malta, 2018), ligando aqui a questão de que as pessoas LGBTs se reúnem também com o intuito de se fortalecer. seguiremos assim pensando sobre a territorialidade.

Existem inúmeros conceitos sobre territorialidade, contudo o conceito que mais se encaixa nessa pesquisa vem do autor Fernandes (2009), ele divide a

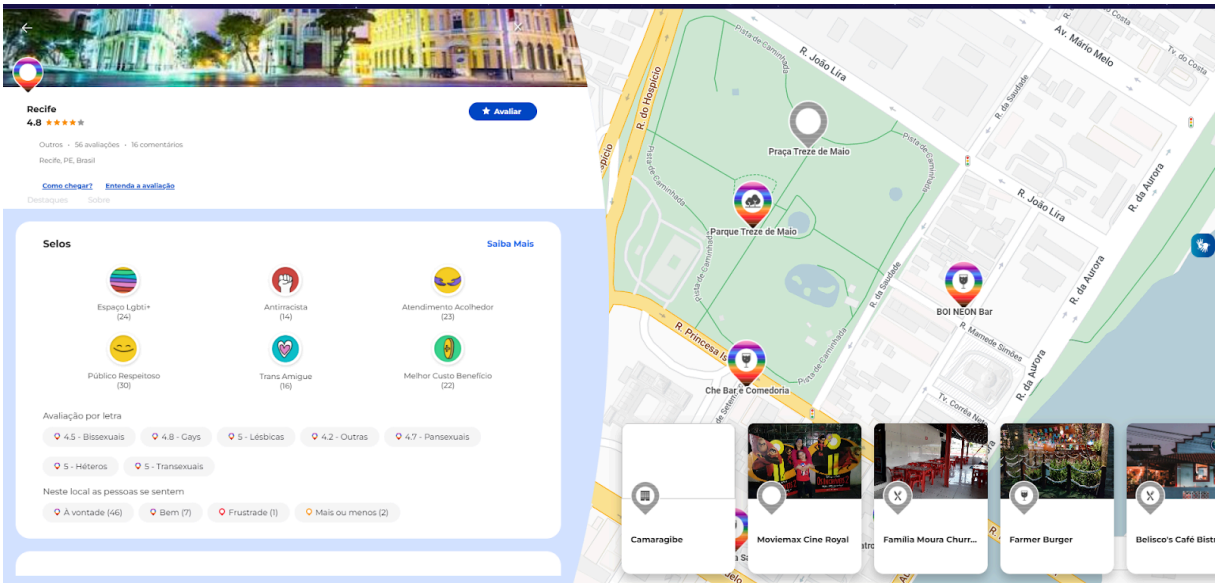
territorialidade em três tipos, neste estudo o terceiro tipo de território mais se encaixa nessa pesquisa, que diz respeito ao Espaço Relacional. Esse espaço está relacionado às formas de uso dos territórios, ou seja, às suas territorialidades. pode ser utilizado para ilustrar o conceito de Fernandes (2009) é a dinâmica territorial da comunidade LGBTQIA+, em Recife. A cidade, historicamente, possui áreas com maior concentração de bares e estabelecimentos frequentados pela comunidade, como o bairro da Boa Vista.

A Startup Nohs Somos criou uma plataforma online de mapeamento de locais amigáveis aos LGBTs, a iniciativa surgiu em 2018, porém só se concretizou no ano seguinte, foi criada em parceria com várias empresas e com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A startup: “nasceu a partir do desejo de criar uma rede mais segura para a comunidade LGBTI+. Onde cada pessoa LGBTI+ pudesse frequentar lugares sem sentir medo, e se sentir ouvida e acolhida.” (Nohs Somos, 2023). O CEO da empresa foi entrevistado pela Forbes podendo explicar um pouco mais sobre o projeto:

> Com exclusividade à Forbes, a startup revelou que, nos primeiros cinco dias de funcionamento, a ferramenta contabilizou mais de 56 mil visualizações e 1.300 novos usuários. Pouco mais de um mês desde o lançamento, o site já acumula 80 mil visualizações de páginas, 2.500 usuários (15% de outros países) e cerca de 469 cidades representadas no país. (Carmen, 2021)

Pesquisando a cidade do Recife-PE no mapa produzido pela *Startup* pode-se visualizar certos dados (Figura 1). Os locais são categorizados por selos, são eles: Espaços LGBTI+, Público respeitoso, Antirracista, Trans amigue, Atendimento acolhedor e Melhor custo benefício. O site possibilita a criação de perfil para o usuário, a partir dele é possível colocar avaliações e comentários sobre o local selecionado, e estas avaliações têm divisão de filtros por sexualidade.

Figura 1 - Pesquisa do termo “Recife” no Mapa LGBTI



Fonte: Mapa LGBTI - Nohs Somos (2023)

O Mapa mostra os locais cadastrados no aplicativo *Google Maps*, dando uma visão geral dos estabelecimentos (na sua maioria espaços de lazer) na cidade. Na figura 1 acima é possível ver que 24 locais foram classificados como LGBTI+ e 30 locais com público respeitoso. Sendo de suma importância principalmente para a segurança do público, podendo realizar pesquisas antes de visitar e dar sua opinião sobre o lugar através da plataforma da *startup* após a visita (Nohs Somos, 2023).

Outros mapas que foram publicados recentemente, mostram ainda os mesmos locais do mapa de 2014 supracitado (exceto as casas que fecharam nos últimos anos), entre termas, saunas e cinemas para maiores de 18 anos, exclusivas para homens (Mister B&B, 2023). O protagonismo masculino dentro da comunidade LGBT se inicia ainda nos anos 70, dentre obras de diversas artes e conteúdos acadêmicos dos estudos sociais. A homossexualidade feminina começa a ser tema de estudo entre os anos 1980 e 1990, quando há um crescimento do movimento lésbico no Brasil e quando há a retirada da homossexualidade da lista de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS). A partir dos anos 2000, os estudos sobre travestis e transexuais surgiram no meio acadêmico, porém a retirada da transexualidade da lista de doenças da OMS foi apenas em 2018, oficializada pela Assembleia Mundial da Saúde em 2019 (Conselho Federal De Psicologia, 2019; Melo, 2021; Neves, 2022).

Infelizmente o aparecimento dessas temáticas não significa que são bem representadas ou inclusivas, ter focado esta pesquisa, no pós-qualificação, no público

lésbico me fez buscar novas referências, já que a maior parte dos trabalhos acadêmicos que falam do público LGBT (Martins, Fernandes Filho E Barros, 2019; Silva Junior, 2014; Souza, 2016), na realidade focam em homens gays (Gusmão Sá, 2017; Macrae, 2018; Santos, 2017), brancos e ricos (Reis, 2013). As buscas trouxeram principalmente pesquisas na área da psicologia (Cruz, 2019; Meira, 2019[4]), arte (Martins, 2021; Mendonça, 2020), saúde básica e familiar, e antropologia (Lemos, 2019). Mesmo em outras línguas houve uma dificuldade para encontrar referências do turismo. Dissertarei mais sobre no capítulo de revisão sistemática.

Após os recentes direitos civis adquiridos, o público LGBT tem conseguido um pouco mais de segurança e liberdade para viver, viajar e se divertir. Essa situação tem ganhado destaque positivo nos dados[5]. Estas vivências têm modificado a forma de ver a sociedade, aumentando a visibilidade para a comunidade LGBT. Impactando também nas produções audiovisuais, como em novelas (a adaptação de Pantanal 2022), filmes (Marcela e Eliza, Tatuagem, *Stonewall*, Eternos...), séries (*Pose*, *Steven Universo, The L Word, Queer Eye*…), além da música (Gloria Groove, Pabllo Vittar, Ana Gabriela, Bia Ferreira…), cujas letras falam sobre o dia-a-dia, a violência sofrida e da luta dessa comunidade (Fiscal, Flutua, Rajadão, Para de apontar o dedo…).

A partir dos dados supracitados, para atingir os objetivos utilizamos como pergunta norteadora: **de que forma a sexualidade da mulher contribui nos processos de formação e consolidação de territorialidades atreladas a suas formas de lazer e consumo no meio LGBT?**

De acordo com as necessidades da pesquisa, este trabalho se qualifica como exploratório e qualitativo, podendo assim nos aproximar do público estudado, juntamente com dados históricos produzidos pela entrevista, e trazendo autores multidisciplinares para dialogar com a realidade da homossexualidade feminina na sociedade.

---

[4] Durante a realização do levantamento bibliográfico, nesta fase final do trabalho, o portal Periódicos Capes apresentou o portal Scopus para uma busca melhor sobre a Monkeypox (Varíola dos Macacos), onde apareceram 11 resultados para a pesquisa, porém no próprio Capes há 3.815 resultados para a mesma pesquisa.

[5] Segundo o último levantamento realizado pela LGBT Capital em 2019 a população LGBT mundial é de 371 milhões de pessoas, destas 10,9 milhões são brasileiras (LGBT Capital, 2020a). No trecho focado em viagens apresentou-se a média de gastos do Pink Money# nessa área em 2019. Sendo ao redor do mundo um gasto de US $99,6 trilhões de dólares, já no Brasil a média foi de US $0,7 bilhões gastos (LGBT Capital, 2020b).

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender como ocorrem os processos de formação e consolidação de territorialidades das mulheres lésbicas na cidade do Recife-PE com foco na ocupação de espaços de consumo e lazer.

1.1.2 Objetivos específicos

a. Identificar como espaços de consumo e lazer lésbico foram construídos na cidade (a partir de 2000);
b. Apresentar quais motivos levam mulheres lésbicas a ocupar espaços de lazer na capital pernambucana;
c. Mapear as territorialidades da comunidade em Recife;

1.2 Justificativa

A escolha do tema "Territorialidade Lésbica em Recife, Pernambuco" para uma dissertação é relevante e justificável, já que este assunto também está agregado a um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentavel no Brasil[6], onde o objetivo de número 5 fala sobre Igualdade de Gêneros, aqui abarcando a questão da mulher na sociedade, no caso da pesquisa mulheres lésbicas. No capítulo do referencial será mais debatido sobre os trabalhos já produzidos. A partir das pesquisas foi possível encontrar dissertações e teses que falam sobre a temática escolhida para este trabalho, que apresento mais a frente para análise (Tabela 1).

Primeiramente, é importante destacar que a territorialidade lésbica é um tema pouco explorado na literatura acadêmica brasileira, especialmente quando se trata de cidades do Nordeste do país. Além disso, a cidade de Recife é conhecida por sua rica diversidade cultural e histórica, mas pouco se sabe sobre a vivência das mulheres lésbicas nesse espaço urbano.

Outro ponto relevante é que a territorialidade lésbica é um tema que pode ser abordado sob diferentes perspectivas teóricas, como a geografia, a antropologia, a sociologia e os estudos de gênero. Dessa forma, a dissertação pode contribuir para a construção de novos conhecimentos e reflexões sobre a experiência das mulheres

[6] “são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade.” (ONU Brasil, 2024)

lésbicas em espaços urbanos, bem como para a ampliação do debate sobre a diversidade sexual e de gênero.

Tabela 1 - Levantamento bibliográfico

Portal/ Palavra-chave	Scielo	Periódicos Capes	Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	Publicações de Turismo	Repertório Digital da UFPE	Catálogo de Teses e Dissertações (Capes)
"Homossexualidade Feminina"	23	71	0	1	47	55
Lésbica	35	1.589	0	6	824	116
Lesbian	123	63.510	0	10	149	112
Lesbianidades	4	98	0	1	60	44
Mulher	4.247	60.184	7	210	16.612	17.266
Woman	8.264	2.448.412	4	23	969	1.688
"Sexualidade Feminina"	53	272	0	0	302	267
Territorialidade	227	3.963	2	61	1.453	2.192

Fonte: Elaboração própria (2023)

Por fim, como apresentado acima (Tabela 1), a produção acadêmica sobre mulheres lésbicas ainda está no início em comparação com outras temáticas, o que torna a escolha desse tema ainda mais relevante e necessária. A dissertação sobre territorialidade lésbica em Recife pode, portanto, contribuir para a ampliação e aprofundamento dos estudos sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil. Contribuindo também para a formação de políticas públicas focadas, possibilitando a esta população ter acesso a segurança, saúde e lazer.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Revisão sistemática de literatura

2.1.1 Hospitalidade, Consumo e Territorialidade.

Reis (2013) com título “Homens Distintos Consumo, Construção Do Corpo e Identidade Gay Viril”. Nesta dissertação Reis explora questões da identidade gay, a partir de pesquisa etnográfica e levantamento de pesquisas científicas. Trazendo uma visão da “gaycidade”, mostrando várias formas de ser gay e também demonstrar como se dividem, como o círculo gay está atrelado ao consumo de roupas e de lugares.

Souza (2016) com o título “Festa no gueto? Memórias e discursos em torno do “Mercado GLS” em Recife/PE”. Neste trabalho produzido para a conclusão do curso de mestrado na UFPE, Souza fala da importância da ocupação dos espaços GLS de Recife, também com as relações que existem entre o mercado e o contexto social e político na cidade. Esta pesquisa realizou entrevistas com os atores que frequentavam estes espaços, resultando na lista dos principais estabelecimentos *gay friendly*: “Boate MKB, Clube Metrópole, Nosso Jeito Music, Castelo Marron, Confraria Ursos de Pernambuco, Conchittas Bar e Mix Pub”. Ressaltando que a maioria desses estabelecimentos tem como ocupação majoritária de homens gays, apenas o Nosso Jeito Music era ocupado por mulheres lésbicas.

Sá (2017) com o título “O consumo e seus desdobramentos sociais entre os jovens homossexuais no Recife”. Nesta pesquisa realizada por Gusmão Sá, para a finalização do seu mestrado na UFRPE, apresenta a importância da área e forma de consumo dos homens gays em Recife-PE. A autora realizou entrevistas com quatro homens gays, que puderam expor seus pontos de vista sobre o consumo deles dentro da cidade, como a roupa, as companhias e os locais de lazer. Também compartilharam um pouco de sua história e como essa possibilidade de autoconhecimento (convívio com semelhantes através do consumos dos lugares) os tornaram melhores cidadãos.

Almeida (2017) com o título “Comportamento do consumidor frequentador de casas noturnas LGBT de João Pessoa-PB”. Neste trabalho de conclusão de curso, produzido na UFPB, Almeida fala sobre as principais localidades ocupadas principalmente por homens gays e *drags*. O estudo aponta que nos horários da noite que os LGBTs ocupam esses espaços, enfatizando que após a saída de famílias e crianças, eles podem expressar sua sexualidade sem problemas.

2.1.2 Turismo, Gênero e Sexualidade.

Foucault (1988) intitulado “História da Sexualidade I: A vontade de saber”. Neste primeiro livro de uma série[7] focada na sexualidade, o autor aponta que a mesma é um “dispositivo histórico”, pois demonstra uma parte da sociedade, estando atrelada ao convívio civil. No livro é apontado como a sexualidade pode ser construída até se tornar cultura e um possível movimento.

Louro (1999) com o título “Pedagogias da Sexualidade". Este capítulo apresenta uma reflexão sobre os conhecimentos e práticas relacionados à sexualidade que são produzidos e transmitidos nas instituições educacionais. A autora utiliza a perspectiva pós-estruturalista para analisar como o gênero e a sexualidade são construídos socialmente, bem como as implicações disso na educação. Louro destaca a necessidade de se desconstruir as normas e padrões sexuais dominantes para se pensar em uma educação que respeite a diversidade sexual e de gênero, permitindo que os indivíduos possam se reconhecer e se expressar de forma livre e autêntica. Sua obra contribui para a construção de uma educação mais inclusiva e diversa.

Rubin (2003) entitulado “Pensando o Sexo: notas para uma teoria radical das críticas sexualidade”. Neste texto Rubin trás uma crítica aos estudos de gênero e à teoria queer pela falta de uma análise aprofundada sobre a natureza da sexualidade humana. A autora defende a necessidade de uma teoria radical que considere a sexualidade como uma categoria fundamental da vida humana, a fim de se compreender as relações sociais de poder e a opressão que são exercidas em função da orientação sexual. Sua obra aborda temas como a mercantilização do sexo, a repressão sexual, a homofobia e a heteronormatividade, contribuindo para a construção de uma teoria crítica da sexualidade que enfatize a liberdade e o respeito à diversidade sexual.

Martins, Fernandes Filho, Barros (2019) com o título “Territorialidade e sociabilidade LGBT na cidade de João Pessoa: uma análise sobre o direito à cidade". Neste artigo apresentado em evento[8], os autores focam no direito à cidade dos LGBTs na cidade de João Pessoa-PB. Discorrendo sobre a segregação sofrida pelo público,

[7] A série História da Sexualidade é composta por 4 livros, são eles: I: A vontade de saber; II: O uso dos prazeres; III: O cuidado de si; IV: As confissões da carne.

[8] Trabalho apresentado no evento: Arquitetura e Cidade: Privilégios, conflitos e possibilidades. O evento foi realizado na cidade de Curitiba entre os dias 22 a 25 de Outubro de 2019.

na dificuldade de terem acesso a saúde, educação e segurança pública. Ressaltam o fato de que fora dos espaços voltados para os LGBTs eles não podem se mostrar para a sociedade de forma segura. Os autores realizaram um questionário para mapeamento das áreas ocupadas pelo público na cidade.

2.1.3 Espaços de Lazer e História LGBT.

Sérgio Carrara (2004) em “As vítimas do desejo: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980”. Este texto é apresentado no livro “Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras” organizado por Piscitelli, Gregori e Carrara. O autor descreve como os policiais, juízes e advogados agiram, nos casos referentes a homossexuais no Rio de Janeiro entre os anos 70 e 90. Para o estudo, Carrara teve acesso a 200 casos, evidenciando como a utilização da “moral” para a resolução dos casos, muitas vezes culpando as vítimas por causa de sua vivência gay ou travesti. Trazendo a informação de que, muitos desses atos violentos, estavam atrelados ao benefício financeiro dos criminosos e as armas usadas eram itens da casa da vítima (em sua maioria arma branca).

Carrara e Vianna (2006) com título “Tá lá o corpo estendido no chão...: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro”. Diferente do trabalho anterior do autor, ao focar nos travestis, visualizou que o espaço dessas violências e as armas são bem diferentes. O autor estudou 14 casos (todos letais), dentre estes 12 casos tiveram como arma do crime uma arma de fogo, a sua maioria ocorrido em favelas (10 casos). O descaso da polícia fica exposto na resolução dos casos, onde somente dois casos apresentaram suspeitos, um deles absolvido e apenas um condenado, como justificativa dos agentes da leis estava as localidades dos crimes que dificultavam a ação policial. Ressaltando que os casos que obtiveram êxito estavam atrelados a homossexuais.

Silva (2011) com título “Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina da cidade do Recife na década de 1970”. Nesta dissertação do programa de História na UFRPE o autor foca nos homens gays de Recife, no período da ditadura militar no Brasil. Apresentando como nesse período era uma novidade a ideia de gay, e que todos eram considerados de um único “tipo”. Ressaltando a importância da imprensa (que mesmo discriminatória) trazia as novidades do restante do país, inclusive de boates, shows e entrevistas. Moldando

também as criações de espaços de lazer principalmente para os gays, através dessa aproximação dos iguais possibilitou o início da afirmação de uma identidade gay.

Santos (2017) com o título ““Uma bicha atrevida pede a palavra”: o Lampião da Esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira”. Nesta dissertação Santos explana bem sobre a história do jornal Lampião da Esquina (1978 - 1981), este jornal foi de suma importância para a história da comunidade gay brasileira. Ele teve como objetivo trazer um pouco do estilo de vida que os homossexuais levavam naquele momento, divulgar as suas produções artísticas e festas, algumas entrevistas, charges e cartas dos leitores, mas também havia reportagens e uma lista com os grupos de movimentos. Dentre os diversos artigos, o autor ressalta algumas reportagens que denunciavam as opressões vividas pelos LGBTs da época, como o caso de Verushka na 10ª edição.

A partir destes textos destacados e outros (Mozdzenski, 2019; Serrano-Amaya; Neves, 2021; França, 2010; Colling, 2016), podemos olhar além das diretrizes e normas sociais, olhar para LGBTs a partir de LGBTs.

2.2 Cidade receptora e a cidade do dia-a-dia

As cidades foram criadas ou formadas principalmente pelas mudanças nos sistemas monetários que a humanidade passou, o mais recente, o capitalismo, orientou a formação das cidades como conhecemos hoje. Quinalha (2022) aponta como as cidades foram importantes para uma vivência LGBT:

> O avanço do capitalismo e do processo de urbanização pós-revolução industrial aglutinou contingentes enormes de pessoas em um mesmo território. Isso permitiu, junto ao processo de identificação [...] a construção de uma subcultura LGBTI+ como lócus de liberação que valida experiências individuais, lança as bases de uma rede coletiva de códigos e significados compartilhados e tensiona com noções tradicionais de sexualidade. (Quinalha, 2022, p.47)

Desde o início, com a junção de pessoas diferentes, em espaços mais próximos e convívios obrigatórios, gerou a reunião grupos de pessoas que pensavam parecido ou que passavam pelos mesmos problemas, emergindo sindicatos de trabalhadores, movimentos raciais, feministas, LGBTs, entre outros. Com lutas e representatividade, conquistas de mais direitos têm sido vistas em vários âmbitos na sociedade atual. Esta questão do movimento LGBT, aqui focado nas mulheres lésbicas, será mais debatido no próximo tópico.

Voltando ao turismo, o Mapa do Turismo Brasileiro (2022) gerado pelo Ministério do Turismo, nele 90 municípios turísticos do estado de Pernambuco são destacados, divididos em 15 regiões turísticas[9]. Estes municípios são categorizados[10] de acordo com: a receita gerada pelo setor turístico, quantidade de turistas recebidos, entre outros, as categorias estão dispostas entre A e E. Dentre os municípios pernambucanos destacados apenas 2 municípios se encaixam na categoria A (Recife e Ipojuca) e 12 na categoria B[11]. Focaremos a pesquisa na cidade do Recife, que recebe cerca de 3 milhões de turistas domésticos (Brasil, 2022).

Castells e Borja (1996) falam que "Uma cidade competitiva deve ter capacidade de integração sociocultural da grande maioria da sua população." (1996, p. 157), então para que o visitante se sinta integrado, a população local também deve estar integrada nas ações, mesmo apontando que as cidades também são palcos de conflitos e desigualdades sociais. Os autores ainda destacam a importância de uma gestão urbana participativa e inclusiva, que promova a justiça social e a qualidade de vida para todos os cidadãos. Eles abordam a necessidade de repensar a cidade como um espaço coletivo, onde diferentes grupos sociais possam conviver e se beneficiar igualmente das oportunidades urbanas. A hospitalidade urbana está diretamente ligada a forma como a cidade recepciona seus visitantes diários.

A hospitalidade de acordo com Camargo (2004) é o ato de "bem receber", atribuindo ao anfitrião os deveres de receber/acomodar, alimentar e entreter o hóspede, de acordo com o autor a hospitalidade é dividida em hospitalidade doméstica, comercial e urbana. Compreendemos que para que haja a ocupação dos espaços esses lugares precisam ser o mínimo de hospitaleiros, a partir desta questão olharemos pelas lentes da hospitalidade urbana. Explica Panosso Netto (2020, p. 4) "Dentro da perspectiva da hospitalidade urbana, cabe ao anfitrião urbano, representado pela figura do gestor público, implantar ou consolidar uma série de ações de reconhecimento e fortalecimento da qualidade urbanística". Relembrando

---

[9]Regiões Turísticas: Águas Da Mata Sul, Águas E Vinhos Do Vale Do São Francisco, Cangaço E Lampião, Chapada Do Araripe Gonzagueano, Costa Náutica Coroa Do Avião, Encantos Da Nossa Gente: Serras E Raízes Culturais, Encantos Do Agreste, Engenhos E Maracatus; Território Da Poesia E Da Cantoria, Fé E Arte, História E Mar, Ilhas E Lagos Do São Francisco, Moda E Ecoturismo, Rota 60 - Litoral Sul, e Serras E Artes De Pernambuco. (Brasil, 2022).

[10]"A Categorização dos Municípios das Regiões Turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro é um instrumento elaborado pelo Ministério do Turismo para identificar o desempenho da economia do setor nos municípios que constam no Mapa do Turismo Brasileiro." (Brasil, 2022).

[11] Municípios na categoria B: Arcoverde, Cabo de Santo Agostinho, Caruaru, Fernando de Noronha, Garanhuns, Gravatá, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Petrolina, São José da Coroa Grande, Serra Talhada e Tamandaré. (Brasil, 2022)

que este fato é mais colocado em foco quando a cidade é turística, juntamente com o incentivo do governo federal através do ministério do turismo.

Durante a 6ª edição da Conferência Internacional da Diversidade, em agosto de 2022, foi apresentado um vídeo, em inglês, produzido pelo site Visit Brasil[12]. No vídeo de 45 segundos, sobre o turismo no país, enfatizando que o Brasil é o 3º lugar no mundo com mais recursos naturais e 10º em atrações culturais. Contudo, a diversidade está num foco importante, falando não só de cultura e gastronomia, mas também de pessoas e lugares. Pela finalidade do vídeo a Câmara LGBT também compartilhou em suas redes, chegando a mim via email, que em seu texto dizia: "O verão chegou e o Brasil é o paraíso que os turistas procuram para férias mais agradáveis e diversas em termos de cultura, gastronomia e o melhor de tudo a hospitalidade do povo brasileiro" (grifo nosso). Visualiza-se no grifo que a hospitalidade continua sendo utilizada como fator diferencial na atratividade turística mundial (Câmara LGBT, 2023).

Figura 2 - *Email* Câmara LGBT

Fonte: Câmara LGBT (2023)

Este vídeo me chamou atenção por demonstrar de forma natural várias possibilidades de turismo e as ações posteriores com o público LGBTs, sendo utilizado também pela Embratur como uma aposta de melhoria para um turismo mais diverso. Para trabalhar a questão da hospitalidade se faz necessário olhar ao redor, relembrando a fala supracitada de Castells e Borja (1997) que a cidade receptora precisa ter a "capacidade de integração sociocultural da grande maioria da sua população" (1997, p. 157). Como esta cidade terá essa capacidade se ainda há pessoas sendo expulsas de casa ou mortas apenas por sua orientação sexual?

[12]O vídeo está disponivel no site da Câmara LGBT: https://www.camaralgbt.com.br/videodiversidade-legendado/

Observar e estar atento ao meio que se vive, juntamente com as lentes adquiridas a cada leitura nos trazem mais luz sobre as vivências das pessoas invisibilizadas.

Maia, Santos e Assumpção (2018) trazem uma abordagem crítica sobre o desenvolvimento urbano nas cidades contemporâneas. Os autores exploram as resistências e lutas sociais que emergem nas cidades contra a exclusão, gentrificação, desigualdade e outras formas de opressão. O dossiê destaca a importância de uma abordagem plural e diversa das cidades, onde diferentes vozes e perspectivas sejam levadas em consideração na tomada de decisões e na construção de políticas urbanas mais justas.

Trago aqui a música “Fiscal” do MC Queer de 2016[13] para discussão do trecho: “Solta a mão, segura firme chegou o fiscal do amor”. Analisando e interpretando a primeira parte, “solta a mão, segura firme”: o cantor exprime o medo que a comunidade LGBT tem de demonstrar seu afeto, podendo ser medo da família ou da sociedade conservadora. Focando no “solta a mão”: pode-se compreender como a necessidade de esconder a sua orientação sexual, o ‘sair do armário’ ainda é uma questão muito complicado para várias pessoas, podendo até colocar as suas vidas em risco (também ressaltado na música *Avesso*[14] de Jorge Vercillo).

O cidadão é construído em sociedade, no entanto, nela é “permitido” ou “aceito” quem esteja dentro de suas lógicas heteronormativas e monogâmicas. As vivências sexodissidentes, comumente são inibidas por estarem em desacordo com estes conceitos conservadores, que permeiam os costumes da população através de

---

[13] Música que faz parte do CD *Mc Queer* (2016), composto também por outras faixas com temáticas sociais e LGBTs. O autor falou em entrevista para a Veja São Paulo (2017), que “Falar sobre homofobia é urgente e esta é a minha causa.” (VEJA SÃO PAULO, 2017). Trago aqui dois parágrafos da música:

> “O fervo também é luta
> Passa na calçada espalhando o terror
> Solta a mão, segura firme, chegou o fiscal de amor
> Todo mundo tá ligado, quer dar ré e vai de segunda
> Quebra lâmpada na cara pra não enfiar na bunda.
> Me chama de viado, invertido e baitola
> Bichinha, boiolinha, bambi chupa-rola
> Quero muita atenção no que eu vou falar pra tu
> Tem que ser macho pra caralho
> Pra poder dar o próprio cu.”

[14] Avesso - Jorge Vercilo de 2000

> “Com dois canos pra mim apontados
> Ousaria te olhar, ousaria te ver
> Num insuspeitavel bar, pra decência não nos ver
> Perigoso é te amar, doloroso querer
> Somos homens pra saber o que é melhor pra nós
> O desejo a nos punir, só porque somos iguais”

estruturas como governo e igrejas[15]. Questionamentos como: “Como explicar a uma criança duas pessoas do mesmo sexo se beijando?” ou “As crianças podem copiar ações homossexuais”. A falta de conhecimento sobre a população gera atitudes homofóbicas e trava qualquer tentativa de esclarecimento a respeito do assunto.

Em sequência a frase: “chegou o fiscal do amor” que dependendo do momento histórico brasileiro altera-se a visão de quem seria esse “fiscal”. Vamos começar pela igreja (católica, evangélica e pentecostal principalmente). Apesar do Brasil ser um país laico, temos uma grande influência das igrejas em nosso dia-a-dia, tendo tentativas diárias de implementações de leis conforme a sua visão de mundo, independente da área, inclusive com o controle religioso sobre inúmeros fieis.

Para uma compreensão melhor destas ações de controle destaco o chamado “pânico cristão”, que para alguns estudiosos[16] têm como base: o surgimento de algo novo e de difícil explicação ou entendimento; com pais cansados e sobrecarregados do trabalho, e crianças com pouco ou nenhum supervisionamento. Esta junção gera reações impensadas muitas vezes guiadas ou incentivadas por religiosos, por exemplo: a faca dentro do boneco do Fofão, ouvir o disco da Xuxa ao contrário (que foram casos famosos nos anos 80 e 90), ou mesmo o mais recente caso da pastora Damares Alves[17] onde ela fala do desenho Frozen[18] indagando: “Por que a Elsa termina sozinha no castelo de areia (gelo)? Porque ela é lésbica…”. Após estas acusações ou informações falsas (fake news), os ouvintes reagem com o afastamento de sua família, principalmente das crianças, destes produtos ou informações.

Além de influências sobre os fieis, alguns desses líderes chegam a cargos políticos representando esta parcela da população, trazendo conceitos religiosos para dentro dos governos. Durante o governo Bolsonaro (2019 - 2022) essa religiosidade foi elevada a nível nacional, principalmente questões de exclusão de certos grupos sociais e incentivos financeiros absurdos em instituições e pessoas neopentecostais (evangélicas, batistas, pentecostais e presbiterianas).

---

[15]O impacto gerado pelas falas homofóbicas das religiões também influencia na forma de fazer arte dos LGBTs, destaco o trecho da música “Fugitivos” de DAY LINS de 2021 (https://www.youtube.com/watch?v=tajS4YknSZI)

[16]Neste vídeo a professora Senhorita Bira explica mais detalhadamente sobre o “Pânico Cristão”: https://www.youtube.com/watch?v=BLFmeFVg5w4

[17]Damares Alves: é advogada, senadora do Distrito Federal (2023 - 2026), foi pastora da Igreja de Alagoinha (tem como pastor atual André Valadão), ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no governo Bolsonaro (2019 - 2022) e filiada ao partido Republicanos.

[18]Vídeo da reportagem produzida pela Band Jornalismo (13 de Maio de 2019) com o título: Ministra Damares diz que Elsa, de 'Frozen', é lésbica. https://www.youtube.com/watch?v=gkcq2n8KkEk

Enquanto estávamos passando pelos momentos críticos da pandemia do Covid-19, o governo de direita gastou dinheiro com questões que não beneficiaram a sociedade como um todo. As notícias de irregularidades neste período estão cada vez mais expostas pela quebra dos sigilos de 100 anos, que o ex-presidente Bolsonaro impôs a maioria dos registros sobre seu mandato. Uma das situações mais alarmantes, do uso indevido do dinheiro neste período, foi a situação de crise humanitária vivida pelo povo Yanomami, com a quebra do sigilo foi descoberto que o valor recebido pelo Programa de Proteção e Recuperação da Saúde Indígena foi de R$ 6,13 milhões, mas foram executados R$ 5,44 milhões. Contudo, o que chama atenção é o repasse para a ONG Missão Caiuá (evangélica), o valor recebido ao longo do governo Bolsonaro foi de R$ 872 milhões, esta entidade tem como *slogan*: "estar a serviço do índio para a glória de Deus". Pelas situações noticiadas fica visível que esse valor não foi revertido em ações para os povos originários, além da flexibilização do garimpo e agropecuária (ilegais) em suas terras (Redação RBA, 2023; Sant'anna, 2023).

Ações como essa reitera que, a prioridade dos governos de direita brasileiros, é de manter-se no poder, perpetuando a desigualdade de classes, *pobres cada vez mais pobres, marginalizado cada vez mais marginalizado*[19].

Trevisan (2000) fala sobre o consumo ligado a religiões, com o intuito de arrecadar dinheiro e manter o domínio sobre os corpos dos fiéis:

> No caso de muitas religiões neopentecostais, por exemplo, o controle moral está firmemente ancorado numa mentalidade voltada para o lucro material, por mais impensável que isso pudesse parecer, considerando o puritanismo dos pentecostais históricos. Veja-se o caso da Igreja Universal do Reino de Deus: a mediação com o divino passa pela troca de favores ("Deus lhe dará em dobro o que você der para sua igreja") e pelo firme controle moral ("tire o demônio de dentro de você"), que chega a se processar através de exorcismos públicos. (Trevisan, 2000, p. 20)

Atrelando assim o dinheiro a purificação, quanto mais "santo" e devoto a igreja, mais dinheiro e prosperidade vai ter, contudo para isso o indivíduo tem que se adaptar

[19] Parafraseando o trecho "Onde o rico cada vez fica mais rico e o pobre cada vez fica mais pobre…" da música Xibom Bombom de 1999, do grupo As Meninas. https://www.youtube.com/watch?v=ZG_Im-DiUN8

às regras vigentes. O autor continua, trazendo a pauta da "cura gay"[20], que há no meio religioso, Trevisan (2000, p. 20):

> …em Salvador abriu-se um centro evangélico para "recuperação" de homossexuais, liderado pelo vereador local, enquanto em São Gonçalo (estado do Rio de Janeiro) foi criada uma igreja evangélica especializada em "curar" homens homossexuais, cujo objetivo manifesto é fazer o pecador sentir desejo por mulher.

Considerando que para a indústria do lucro, "as relações homoafetivas não geram consumidores e/ou trabalhadores", não gerando dinheiro. Juntamente com a igreja, se baseando em seu livro sagrado, impõe à sociedade um modo "correto" de ser cidadão. No catálogo História da Sexualidade organizado pelo Museu de Arte de São Paulo[21] (2017) na sessão sobre "Performatividades de gênero" traz:

> A heteronormatividade compulsória, condição imposta socialmente como padrão socialmente convencionado, é apenas em um dos exemplos das muitas regulações coletivamente constituídas e que se desenvolvem a partir de rígidas oposições binárias - como os conceitos de masculino e feminino, por exemplo - criadas em nossas sociedades. Essas dicotomias encontram-se de tal maneira naturalizadas que tendem a ocultar singularidades, abolir ambiguidades, e, em contraposição, estabelecem normas de inteligibilidade que põem fim a um universo muito mais complexo de papéis de gênero. (MASP, 2017, p. 152)

Com todas essas questões impostas ao indivíduo, parece "errado" seguir por um caminho que além de perigoso é um segregador social.

2.3 Mulheres lésbicas: entre lutas e direitos

Segundo Castells (1977) os movimentos sociais são "um sistema de práticas sociais contraditórias que colocam em questão a ordem estabelecida, a partir de contradições específicas da problemática urbana" (1977, p. 31). No meio LGBT, o que foi considerado o "Marco Zero" das movimentações, foi a Revolta de Stonewall que definiu o dia do Orgulho (28 de Julho) mundialmente. Em 1969, a polícia vinha realizando batidas no bar *Stonewall Inn* – um estabelecimento novaiorquino cuja clientela era formada por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e pessoas trans, muitos

[20]Adiciono aqui mais recente caso de morte por "cura gay", da influenciadora lésbica Karol Eller, declaradamente bolsonarista, que se submeteu a prática de "conversão sexual", em um retiro organizado pela Assembléia de Deus de Rio Verde, em Goiás. A influencer publicou em suas redes sociais que estava "renunciando à prática homossexual", porém as coisas não correram bem, um mês após retornar deste retiro ela cometeu suícidio. (Carta Capital, 2023)

[21] Livro organizado por Adriano Pedrosa e Camila Bechelany. Catálogo da exposição realizada no MASP, de 20/10/2017 - 14/02/2018.

deles de baixa renda[22]. Com a grande frequência de ação policial, que retaliava as pessoas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero, os frequentadores do bar se revoltaram contra a polícia (Mozdzenski, 2020; Quinalha, 2022).

Sobre esse momento histórico discorre Mozdzenski (2020, p. 76):

> Saiu-se de uma era em que esses "cidadãos de segunda classe" eram silenciados e invisibilizados, vivendo amedrontados dentro do armário em seus empregos, seus apartamentos e suas famílias. E se inicia, com os motins de *Stonewall*, uma nova militância pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, bem como uma maior abertura para discussão na sociedade, na política e na mídia sobre os temas de interesse desses indivíduos, tais como casamento homoafetivo e adoção por casais gays.

Por seu grande impacto tanto nos Estados Unidos como no mundo, após a revolta, vários grupos surgiram em Nova Iorque, para organização e reivindicação de direitos, como: Gay Liberation Front (GLF) e o Gay Activists Alliance (GAA) (STOODI, 2021). Este evento foi de tamanha magnitude que despertou e influenciou movimentos similares aqui no Brasil. Mesmo em meio a ditadura militar (1964 - 1985), emergem grupos fora da heteronormatividade, tanto para manifestações políticas, quanto para as civis, artísticas e midiáticas. Um exemplo destas ações foi a criação do Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, que foram idealizadores e produtores do jornal *Lampião na Esquina* (Lemos, 2019).

A emergência dos grupos foi de suma importância para a identidade e reconhecimento dos seus participantes, as mulheres lésbicas sofriam repressão diversas partes, dentro do movimento feminista não eram ouvidas e no grupo Somos também sofriam com a misogenia. Apartir destas questões as mulheres lésbicas se uniram para a criação do Grupo de Ação Lésbicas-Feminista (Galf) entre 1979 e 1980, pois sentiam que precisavam lutar e discutir sobre os problemas focados nas mulheres (Bacci, 2016; Lessa, 2007).

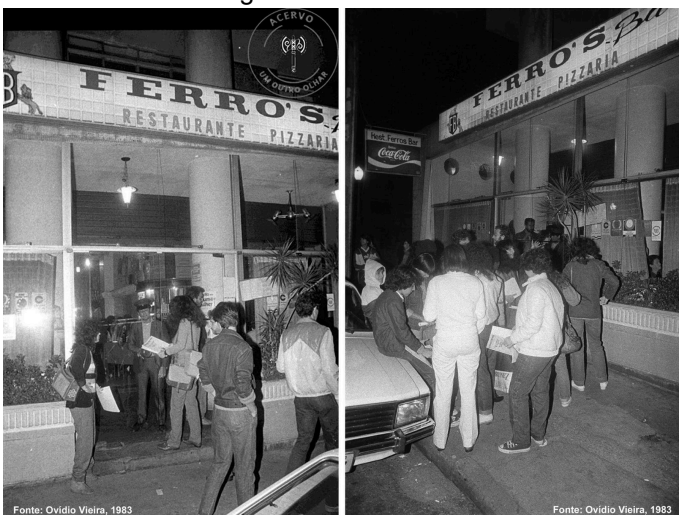
A partir da criação do grupo muitas ações foram realizadas, uma delas foi a criação do próprio boletim/jornal, intitulado de ChanacomChana (1981 - 1987)[23] o

[22]A história desta revolta é relatada no filme Stonewall: Onde o orgulho começou (2015).
[23] O boletim ChanacomChana não se encerrou por completo em 1987, no mesmo ano mudou para o boletim Um Outro Olhar (1987 - 2002), que ao longo do tempo se tornou uma revista. Hoje é possível encontrar um grande acervo sobre a história lesbica do Brasil no Blog Um Outro Olhar: Para mulheres lesbianas e afins.

editorial se focava apenas nas mulheres lésbicas. Este boletim era divulgado e vendido no Ferro's Bar (Figura 3) no centro de São Paulo, este bar era frequentado em sua maioria por mulheres lésbicas, porém os donos do bar não eram favoráveis a esta ocupação (igualmente no Bar de Stonewall) (Bacci, 2016; Fernandes, 2018; Lessa, 2007; Um Outro Olhar, 2022).

Durante uma das divulgações do boletim, em Julho de 1983, o Galf e outras mulheres que não participavam do grupo foram expulsas do estabelecimento, gerando revolta. No dia 19 de Agosto de 1983 o Galf se juntou a outras mulheres lésbicas e feministas, gays, travestis e pessoas atuantes nos direitos humanos, para uma manifestação em frente ao bar. Por ser muito parecido com o "Marco Zero" dos movimentos LGBT, este evento é conhecido como o "Stonewall brasileiro". A revolta realizada neste dia foi de tão grande importância que a data se tornou o Dia do Orgulho Lésbico brasileiro (Bacci, 2016; Fernandes, 2018; Lessa, 2007; Um Outro Olhar, 2022).

Figura 3 - Ferro's Bar



Fonte: Acervo Um outro Olhar (2022)

Figura 4 - Protesto no Ferro's Bar

Fonte: Acervo Um outro Olhar (2022)

Figura 5 - Boletim de comemoração

Fonte: Acervo Bajubá (2021)

Em Pernambuco, este movimento LGBT veio surgir e ganhar apoio apenas em 2001, com o Movimento LGBT Leão do Norte, porém assim como as mulheres em São Paulo e na recente criação do Fórum LGBT de Pernambuco, as mulheres lésbicas[24] sofreram misoginia, principalmente com piadas e menosprezo (Lemos, 2019).

Durante os anos 80 e 90, era muito comum a utilização da sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), porém mesmo tendo uma mínima utilização dentro do próprio meio, levou a questionamentos e discussões, havendo uma real movimentação do próprio meio para uma organização que fosse mais abrangente e realmente representativa. Então os grupos reivindicavam suas representatividades, sendo assim, a letra S foi retirada, em seu lugar as letras B e T entraram para representar bissexuais e travestis respectivamente, passando a ser GLBT. Contudo, essa sigla também não se sustentou, pois os movimentos das mulheres estavam pressionando por mais visibilidade, dessa forma passou a se chamar LGBT, passando a letra "L" a frente do "G". A sigla LGBTQIA+ é uma das mais inclusivas atualmente, pois engloba lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais,

[24] "Na construção das redes específicas para atuação lésbica, a primeira surge em 2003, a Liga Brasileira de Lésbicas - LBL. A rede foi articulada no Fórum Social Mundial – FSM, realizado em 2003, em Porto Alegre." (Lemos, 2019, p. 143)

assexuais e aliados (antigos simpatizantes) e o “+” corresponde a todas as outras orientações e identidades (Maior e Quinalha, 2023; Quinalha, 2022).

A partir deste fato, pode-se considerar que a população LGBT não é um único grupo e sim a junção de grupos heterogêneos, onde cada letra representada na sigla tem uma luta e uma vivência diferente na sociedade. Estas práticas de vivência e sobrevivência na sociedade geram questões específicas de cada público, sendo sua forma de consumo alterada para se ter principalmente segurança, como está relatado nas entrevistas mais à frente.

Tanto homens gays quanto mulheres feminista já tinham se reunido em congressos ou convenções para as discuções de direitos principalmente, porém as mulheres lésbicas ainda estavam no processo de reunião e organização. No ano de 1996, o Coletivo de Mulheres Lésbicas do Rio de Janeiro (COLERJ) realizou o 1º Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), tendo em média 100 mulheres representantes de todo o território nacional. Dentre as pautas discutidas estavam a saúde sexual das mulheres lésbicas e a definição do dia 29 de Agosto como o Dia de Visibilidade Lésbica (Lemos, 2019). Este evento ainda é realizado, porém com uma adaptação adicionando as mulheres bissexuais neste seminário (SENALESBI) (Lemos, 2019; Um Outro Olhar, 2022). Ressaltando que neste ano de 2023, o SENALESBI[25] ocorreu em Recife, reunindo principalmente lideranças dos movimentos e dos partidos políticos, com o tema “27 Anos de Resistência Contra o Racismo e a LBTFOBIA: É Tempo de Esperançar e Reafirmar Os Direitos das Mulheres.” (Diário de Pernambuco, 2023)

Nota-se, portanto, que é conferida uma grande importância a cada movimento para promover uma maior visibilidade desse público. Sedgwick (2007) fala sobre o armário na vida dos LGBTs:

> Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas.[...] Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays. (Sedgwick, 2007, p. 22).

[25] “O XI SENALESBI é elaborado e organizado por 14 redes que integram o movimento LBT em todo o Brasil. A saber: Comlesbi, Candaces, LBL, ABL, Afro-LGBT, MNU, Marcha Mundial das Mulheres, UBM, MAPB, Coletivo BIL, Rede Lesbi Brasil, Frente Bissexual Brasileira, LGBTI Sem Terra e UMA LGBT. Para sua realização, o seminário conta com o apoio do Governo Federal, Governo de Pernambuco, Prefeitura do Recife, senador Humberto Costa e deputado federal Carlos Veras, entre outros apoiadores.” (Diário de Pernambuco, 2023)

Se atualmente a questão de assumir ou se entender como LGBT é complicada, alguns fatos já citados anteriormente juntamente com esses dados podem nos ajudar a explicar um pouco as causas. Apenas apartir de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união estável homossexual como entidade familiar e atribuiu direitos aos casais formados por pessoas do mesmo sexo (união estável); Em 2013 o Conselho Nacional de Justiça publicou a Resolução nº. 175/2013, na medida em que determina que as autoridades (cartórios) não podem rejeitar a celebração do casamento homossexual e nem a conversão da união estável em casamento (Conselho Nacional De Justiça, 2013; Bandeira, 2017); e em 13 de Junho de 2019 o STF declarou que a LGBTfobia é crime, enquadrada na Lei de Racismo, levando a prisão de 1 a 3 anos, sem direito a fiança e sem a possibilidade de prescrever (Supremo Tribunal Federal, 2019).

Apesar da criminalização, ainda é muito difícil conseguir fazer com que a Lei seja comprida. Além de esbarrar na questão dos agentes da lei, que em sua maioria, falta capacitação e conhecimento para o atendimento das vítimas, os LGBTs na hora da denúncia acabam tendo que reviver a violência sofrida (como apresentado por algumas entrevistadas) para que o agente tente entender, e ainda ter que apresentar provas da mesma. Pode-se visualizar que apenas a aprovação da Lei não garante seu comprimento, é necessário que toda a rede da Lei seja capacitada para a compreensão dos casos e que os mesmos recebam uma sentença coerente.

Recife foi uma das capitais pioneiras no Nordeste ao aprovar a Lei Municipal Nº 16780/2002 afirma que: “Toda forma de discriminação é odiosa e constitui crime contra a pessoa e aos direitos humanos como um todo. A discriminação com base na prática e comportamento sexual do indivíduo é crime e deve ser tratado e punido como tal, na forma da presente lei” (Recife, 2002). No dia 13 de setembro de 2004 foi aprovada a Lei Ordinária Nº 17.025, que traz em seu primeiro capitulo: “Serão punidos, nos termos desta Lei, toda e qualquer manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra qualquer cidadão homossexual, bissexual ou transgênero”. Posteriormente a redação da Lei Ordinária Nº 17.818, de 23 de julho de 2012, alterou o capítulo 8 da Lei de 2004 para: “Fica instituído, no âmbito municipal do Recife o "Dia 28 de julho como o Dia da Diversidade Sexual", a ser comemorado anualmente, e integrando oficialmente o Calendário da Cidade do Recife” (Recife,

2004; 2012). Esse tipo de atitude mostra que o respeito, o reconhecimento e a representatividade da comunidade LGBT está sendo instituído em formato de lei.

Em comemoração ao Dia da Diversidade Sexual, em 2021 houve uma reforço a assistência LGBT gerada pela prefeitura de Recife, durante a campanha (criada em 2013) Recife sem Preconceito e Descriminação:

> Ainda para marcar o Orgulho LGBTI+, um decreto municipal que institucionaliza e regulamenta o Centro Municipal de Referência em Cidadania LGBTI+ do Recife será publicado em breve. A iniciativa concretiza a importância do principal equipamento para atendimento à população LGBTI+ no município. O Centro conta com equipe técnica composta por advogado, psicólogo, assistente social e agente de Direitos Humanos. Inaugurado em 2014… (Recife, 2021)

Figura 6 - Intervenção artística no Recife Antigo em comemoração aos 50 anos do Dia do Orgulho LGBT

Fonte: G1, 2019

Figura 7 - Pintura da faixa em comemoração ao Dia do Orgulho LGBT, na Rua das Ninfas, bairro da Boa Vista

Fonte:G1, 2021

As duas intervenções apresentadas nas figuras acima, foram iniciativas focadas tanto em celebrar o Dia do Orgulho LGBT, quanto chamar atenção da população para

as problemáticas vividas dentro da cidade pelas pessoas LGBTs. Outras ações que indicam um princípio de direito a saúde para esse público são os serviços que a prefeitura do Recife tem disponibilizado, exemplos: Ambulatório LGBT Patrícia Gomes e o Ambulatório LBT do Hospital da Mulher do Recife

No terceiro mandato do presidente Lula (2023-) foi adicionada uma nova secretaria ao Ministério de Direitos Humanos (na responsabilidade de Silvio Almeida), a Secretária Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+ está sob a coordenação de Symmy Larrat (PT) a primeira mulher trans a ocupar essa função. Ainda no governo Dilma atuou na coordenação-geral do Programa dos Direitos LGBTs, também agregado ao Ministério de Direitos Humanos. (Câmara LGBT, 2023)

As conquistas dos movimentos sexodissidentes são de suma importância para a comunidade como um todo. Todas as pessoas merecem ser tratadas com respeito, e ter acesso a saúde, segurança, educação, entre outros, independente de cor, credo ou orientação sexual.

2.4 Espaços de sociabilidade, lazer e consumo

No Brasil, ocorreram grandes migrações, como a corrida pelo ouro em Minas Gerais (intensificada no final do século XVII), a construção da capital Brasília (1956 - 1960) e a própria evasão do Nordeste em virtude da seca. Estas movimentações populacionais, levaram pessoas de diferentes origens para as grandes cidades, uma das que mais recebeu imigrantes foi São Paulo (Guitarrara, 2022).

Retornando um pouco mais na história, o autor D'Emilio (1983) explica como as identidades homem gay e lésbica tiveram abertura para a sua criação/entendimento a partir do inicio do capitalismo. A mudança das pessoas para os emergentes centros urbanos (Polis), que estavam sedentos por trabalhadores (que deixam de ser camponeses para se tornarem funcionários), gera o anonimato dessas pessoas nesses novos lugares. A reunião do anonimato com uma independência financeira cria uma nova identidade (cultura, estilo, demanda) (D'Emilio, 1983).

Após as informações supracitadas, vemos que a reunião de pessoas diferentes acabam gerando "bolhas" culturais, ideológicas e até religiosas (Gusmão Sá, 2017). Segundo Castells e Borja (1996, p. 152 e 153):

> As cidades adquirem, cada dia mais, um forte protagonismo tanto na vida política como na vida econômica, social, cultural e nos meios de

> comunicação. Pode-se falar das cidades como atores sociais complexos e de múltiplas dimensões. As cidades como atores sociais não se confundem com o governo local, porém, obviamente, incluem-no. A cidade se expressa melhor como ator social na medida em que realiza uma articulação entre administrações públicas (locais ou não), agentes econômicos públicos e privados, organizações sociais e cívicas, setores intelectuais e profissionais e meios de comunicação social. Ou seja, entre, instituições políticas e sociedade civil.

Uma comunidade plural tem diversas solicitações. Focando na comunidade LGBT, vemos que há uma certa dificuldade desta para a aquisição de direitos. Os autores ainda ressaltam que, as cidades que marginalizam e segregam sua própria população, tem um turismo pouco viável. Lembro aqui a situação do Rio de Janeiro, que cobriu, com placas de acrílico decoradas, um dos maiores complexos de favelas da cidade (Complexo da Maré) durante a Copa do Mundo de 2016 (Castells e Borja, 1996; Ferreira, 2016).

Esta marginalização gerada para grupos ditos minoritários, inviabiliza muitas vezes as possibilidades de crescimento destes indivíduos na sociedade, Gusmão Sá (2017) comenta que a rua é um “agente socializador”, que possibilita as relações interpessoais, assim a pessoa pode se reafirmar como indivíduo e como cidadão. O meio em que estamos inseridos modificam vários aspectos de nossas vidas, inclusive a nossa forma de consumo.

Em resumo, a ocupação de espaços de lazer se divide primeiramente por classe social, mesmo não sendo dito ou colocado em placas, espaços em bairros mais ricos não são receptivos com pessoas de classes sociais mais baixas (a menos que sejam empregados). Em seguida evidencia-se uma divisão em virtude da cor. Infelizmente temos um racismo estrutural entranhado na nossa sociedade, as pessoas não-brancas acabam sendo segregadas simplesmente pela cor da pele. Encerrando, temos a divisão por gênero e sexualidade, onde há locais “para homens” e “para mulheres”, e também os locais destinados ou ocupados pelo público LGBT. Esta questão gera preferência de horário para estar no local de lazer e evitar situações desconfortáveis ou de violência (Martins, 2019; Souza, 2016). Além de racista, a sociedade também tem ações LGBTfóbicas e misóginas que “são “naturalizadas”, essencializadas, reiterantes/ reiteradas por práticas discursivas regidas historicamente por aspectos culturais, políticos e sociais que orquestram normas e regras para a padronização dos corpos e suas práticas” (Souza, 2016, p. 32).

Os fatos trazidos pelo autor D'Emilio (1983) explicam motivos que colocam os homens brancos em local de destaque dentro da sociedade, inclusive com a emergência de pessoas homossexuais:

> Entre os brancos, por exemplo, os homens gays têm sido tradicionalmente mais visíveis do que as lésbicas. Isto decorre, em parte, da divisão entre a esfera pública masculina e a esfera privada feminina. Ruas, parques e bares, especialmente à noite, eram "espaços masculinos". No entanto, a maior visibilidade dos homens gays brancos também refletiu o seu maior número. [..] pelo facto de o capitalismo ter atraído muito mais homens do que mulheres para a força de trabalho, e com salários mais elevados. Os homens poderiam mais facilmente construir uma vida pessoal independente de ligações com o sexo oposto, enquanto as mulheres tinham maior probabilidade de permanecer economicamente dependentes dos homens. (D'Emilio, 1983, p. 105 e 106)[26]

Voltando ao Brasil, relembro a ditadura militar, embora tenha cerceado os direitos dos cidadãos brasileiros, neste período há uma ebulição de manifestações culturais GLS, principalmente em São Paulo capital, onde artistas, intelectuais e outros representantes da comunidade se reuniam. No documentário *São Paulo em Hi-Fi* (2013), os entrevistados contam como era a movimentação de festas e manifestações sexodissidentes entre os anos 60 e 80, destacando os estabelecimentos localizados principalmente na Rua Augusta. Entre os entrevistados estavam João Silvério Trevisan, Leão Lobo, Elisa Mascaro e Celso Curi. A produção encerra falando da pandemia da AIDS, que, a partir de meados de 1980 até hoje, matou milhões de pessoas em todo o mundo[27].

A síndrome viral foi considerada a doença dos homossexuais, já que a maioria de suas vítimas estavam neste grupo, gerando discursos segregatórios e de controle do corpo para uma suposta "proteção" desta doença[28]. No final dos anos 80 o Brasil estava passando pela redemocratização após a queda do regime ditatorial. Várias pautas populares foram levantadas, contudo, as pessoas fora da

---

[26] Texto original "Among whites, for instance, gay men have traditionally been more visible than lesbians. This partly stems from the division between the public male sphere and the private female sphere. Streets, parks, and bars, especially at night, were "male space." Yet the greater visibility of white gay men also reflected their larger numbers. [..] by the fact that capitalism had drawn far more men than women into the labor force, and at higher wages. Men could more easily construct a personal life independent of attachments to the opposite sex, whereas women were more likely to remain economically dependent on men." (D'Emilio, 1983, p.105 - 106)

[27] O filme Tatuagem (2013) do diretor Hilton Lacerda, apresenta um pouco da realidade e do dia-a-dia da comunidade LGBT em Recife na ditadura, a repressão e a clandestinidade que os artistas sofriam para continuar suas manifestações.

[28] No filme Cazuza - O tempo não pára (2004) dirigido por Sandra Werneck e Walter Carvalho, mostra a vida do cantor e também sua morte, no final apresenta como foi o tratamento paliativo do cantor que era soropositivo, retratando como era a vivência de uma pessoa com HIV no final dos anos 80.

cisheteronormatividade ficaram de fora dessas discussões principalmente por causa da AIDS. Os movimentos LGBTs reivindicaram por maior liberdade, e assumir a sexualidade começou a se tornar um ato visto como político, com o intuito de fortalecer ainda mais os movimentos (Quinalha, 2021; 2022).

Visualiza-se que os movimentos, desde seu início, se colocaram contra o patriarcado e todo o machismo gerado por ele. No início dos anos 2000, a comunidade LGBT adquiriu alguns direitos (a união estável e o casamento mencionados anteriormente), possibilitando um maior reconhecimento. Mesmo assim, ainda é mais seguro demonstrar a sexualidade em espaços específicos para o público, nos chamados guetos, que como já foi falado, a guetificação é produto das discriminações estruturais, então Macrae (2018) continua e fala da importância do gueto:

> O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade. (Macrae, 2018, p. 57 e 58).

O gueto é necessário para quem ainda não tem a liberdade de expor em sociedade a sua sexualidade, nele encontram-se pessoas com basicamente os mesmos gostos e interesses, podendo-se interagir de forma mais tranquila.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A dissertação visa investigar como ocorrem os processos de formação e consolidação de territorialidades das mulheres lésbicas em Recife, para atingir os objetivos deste trabalho e responder as questões levantadas, a pesquisa tem caráter qualitativo, possibilitando uma aproximação com a sociedade. Batista (2017) afirma que: “o caráter qualitativo se efetiva com o referencial teórico-metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e análise do material coletado no trabalho de campo” (p. 2 e 3, 2017). A pesquisa qualitativa desempenha um papel fundamental na pesquisa social, permitindo aos pesquisadores explorar e compreender a complexidade das experiências humanas, perspectivas e contextos.

Considerando as falas de Gamson (2006) fala como podemos retratar as vivências da população LGBT, possibilitando uma aproximação maior da academia com a sociedade, estando o mais próximo da realidade através deste tipo de estudo.

3.1. Coleta de Dados

Esta dissertação se concentra em uma abordagem qualitativa descritiva, que utiliza entrevistas semiestruturadas como a principal ferramenta de coleta de dados, de acordo com Creswell (2010) esta ferramenta possibilita uma interação mais fluida entre a entrevistadora e as entrevistadas, abrindo espaço para outras perguntas que surjam.

Estas entrevistas foram analisadas a partir da análise narrativa, com o intuito de investigar a vivência das mulheres lésbicas em espaços de lazer. As mesmas foram realizadas de forma remota por possibilitar uma disponibilidade maior de horário com as entrevistadas, utilizando o aplicativo *Google Meet*, esta ferramenta também possibilitou a gravação das entrevistas para a posterior transcrição[29]. Para a seleção das mulheres entrevistadas foram utilizadas as categorias de idade (possibilitando uma análise de locais e vivências através do tempo na capital) o local de residência (em Recife e RMR).

Para a realização das entrevistas certos aspectos éticos foram seguidos, baseado em Araújo (2003). Nos primeiros contatos que tive com as entrevistadas já foi apresentado as diretrizes básicas do trabalho, como os objetivos, a metodologia e as ideias para a divulgação dos resultados posteriormente. Após a explicação, foi informado que os seus nomes seriam mantidos no anonimato, ainda antes de iniciar

[29] As entrevistas estão transcritas na íntegra nos apêndices.

as entrevistas na chamada de vídeo, foram reapresentados as diretrizes básicas e foi perguntado a elas se elas estavam de acordo e se queriam prosseguir com a entrevista (inclusive foi perguntado se elas estavam de acordo com a gravação da entrevista).

3.2. Análise de Dados

Foram entrevistadas 5 mulheres lésbicas. Os relatos produzidos nas entrevistas, como já apresentado, foram submetidos à análise de narrativa proposta por Labov e Waletzky (1967). Essa abordagem visa identificar os elementos estruturais das narrativas, como a organização temporal, a presença de personagens e a identificação de eventos importantes, permitindo a compreensão das experiências individuais e coletivas das participantes. A análise de narrativa também permite que os estudos realizados, a partir dos discursos, possam identificar quais elementos estão presentes na construção de uma identidade social coletiva (Bastos, 2005).

Seguindo os termos apresentados pelos autores, apresento os próximos passos segundo Bastos (2005):

1. Elaboração do Sumário:

O início do processo metodológico se dá por meio da elaboração de um resumo introdutório, no qual se delineia o conteúdo a ser abordado na narrativa. O tema central introduzido foca na ocupação de espaços de lazer e consumo por mulheres lésbicas na cidade do Recife, ressaltando a relevância e a motivação subjacente à narrativa.

2. Identificação e Orientação:

Realiza-se a identificação das personagens envolvidas na narrativa, estabelecendo o contexto temporal e espacial, assim como as atividades a serem narradas. Essa fase é essencial para a contextualização e compreensão dos eventos que se desdobrarão ao longo da narrativa.

3. Abordagem da Ação Complicadora:

A sequência temporal das orações narrativas é explorada, evidenciando a transição do contexto inicial de contextualização para a efetiva narração dos eventos. Enfatiza-se a ação complicadora como elemento crucial para caracterizar o discurso narrativo, especialmente quando pelo menos duas orações no passado estão sequencializadas, indicando a presença de uma narrativa mínima.

4. Análise da Avaliação:

A explanação da postura do narrador em relação à narrativa é analisada. Destaca-se a relevância de determinadas partes em comparação a outras, identificando o ponto da narrativa, o qual justifica sua reportabilidade. Explora-se as duas modalidades de avaliação propostas por Labov: a avaliação externa, na qual o narrador interrompe o fluxo narrativo para observar o ponto utilizando parênteses, e a avaliação encaixada, na qual o narrador, por meio de recursos expressivos, insere dramaticidade ao relato sem interromper o fluxo de eventos narrados.

5. Revelação do Resultado:

O desfecho da complicação narrativa é revelado, proporcionando uma compreensão clara da resolução da situação apresentada anteriormente. Destaca-se como a ação complicadora conduziu a esse desfecho, elucidando a dinâmica e as implicações dos eventos narrados.

6. Conclusão (Coda):

A análise é concluída com uma síntese que avalia os efeitos da história e/ou retoma o tempo presente da interlocução. Explora-se de que maneira a narrativa contribui para uma compreensão mais ampla da ocupação de espaços de consumo e lazer por mulheres lésbicas na cidade do Recife, enfatizando os impactos e a relevância dessa experiência na esfera social e cultural.

Seguindo esse método, a análise narrativa proporcionará uma compreensão abrangente e estruturada da narrativa, examinando a ocupação de espaços de lazer e consumo por mulheres lésbicas na cidade do Recife.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como apresentado no referencial teórico, pode-se ver que foi necessário um gueto para a existência de um público LGBT hoje e aqui podemos analisar os fatos ocorridos no meio a partir da visão das entrevistadas, com o intuito de atingir o objetivo geral desta pesquisa que é “qualificar e debater como ocorrem os processos de formação e consolidação de territorialidades das mulheres lésbicas na cidade do Recife-PE, focando na ocupação de espaços de consumo e lazer”.

Apresento também um resumo das respostas das entrevistadas, analisando questão por questão, a fim de identificar semelhanças e diferenças nas experiências de formação e consolidação de territorialidades na cidade do Recife. Possibilitando apresentar as ações complicadoras para a ocupação do espaço, nos levando a discutir as implicações dos resultados para a compreensão do consumo e lazer pelas mulheres lésbicas na cidade.

Tabela 2 - Perfil das mulheres entrevistadas

Entrevistada	Idade	Local de residência	Status
1	53	Paulista	Casada
2	33	Olinda	Casada
3	56	Paulista	Casada
4	38	Paulista	Casada
5	61	Olinda	Solteira

Fonte: Elaboração própria, 2024

Com apenas 5 questões, o foco total das entrevistas foi sobre o lazer e consumo das mulheres lésbicas, onde a partir destas informações pode-se identificar a territorialidade baseada no conceito de Fernandes (2009). Seguirei apresentando as questões associando aos objetivos apresentados na introdução.

Começando nos objetivos específicos: “Identificar e compreender como espaços de consumo e lazer lésbico foram construídos na cidade (a partir de 2000)” e “Mapear as territorialidades da comunidade em Recife”, foram desenvolvidas algumas questões[30] para atingir esses objetivos, a primeira questão foi: “Como você percebe

[30] As questões estão apresentadas na ordem de sua realização e estão numeradas de 1 a 5 nos apêndices.

que as mulheres lésbicas se apropriam e ocupam os espaços de consumo e lazer em Recife?". A primeira entrevistada afirma que:

> Percebo com muita naturalidade as mulheres lésbicas do Recife desde a década de 90 para cá tem tido muito mais oportunidades de trabalho e sempre foram mulheres de buscar e de lutar tudo que sobre todos os ideais e tudo que queria principalmente na área educacional que é onde você realmente consegue fazer a tua mobilidade social

Onde ela consegue também fazer esse apanhado temporal e destaca importância da educação. Já a entrevistada 2 compreende o seu privilégio branco, afirma também que o dinheiro que possibilita o acesso aos lugares, pois a maior parte dos espaços é muito caro e que hoje não há mais tanto a necessidade de pertencimento para desfrutar daquele local; já a entrevistada 3 afirma que antigamente havia mais espaços com predominância lesbica e que sente falta deles, contudo vai a lugares que já conheça por medo de pessoas homofóbicas; a entrevistada 4 que procura estar em espaços que tenham outras mulheres lésbicas (normalmente amigas), por medo de violência, mas não só em relação a sua sexualidade e sim porque é perigoso ser mulher na nossa sociedade; por último a entrevistada 5 afirma que:

> Veja só eu sou de uma década… de um período, década de 80 e 90, aonde tinha uma concentração muito grande no centro do Recife de espaços, eu até hoje eu costumo chamar de guetos, porque eram os lugares onde as pessoas se encontravam, por diversas razões: primeiro porque era uma… ainda era uma questão muito… como é que eu posso dizer… constrangedora aos olhos da sociedade né, então a sociedade empurrava mesmo pros guetos.

Continuando naqueles objetivo, a segunda questão fala: "Quais são os principais locais que você identifica como espaços de territorialização lésbica na cidade?", foi nessa questão que consegui identificar uma decrescente nos espaços, mesmo com uma maior visibilidade LGBT, os locais de lazer para mulheres lésbicas sumiram e as festas só para mulheres é cada vez mais escassa.

A primeira entrevistada que é um pouco mais velha, fez um apanhado geral dos lugares, a maioria dos locais não resistiram ao início dos anos 2000, os lugares de predominância feminina foram os seguintes locais: Do Car Alho, Pit House, Última

estação, Aloha (Pátio de São Pedro), Maria Bethânia, Clube da Cris (As Pás dos Gays), Butterfly, Requinte, Cantinho do Sossego, Gosto Caseiro, Boate, Paulina, Fofocas, Nosso Jeito, Conchittas, Sete Cores, MKB(Meu Kaso Bar, também na área que tocava música ao vivo) e a boate Mister (atual Metrópole), sendo esses dois últimos com uma predominância, nos dias atuais, de homens gays. A entrevistada afirmou que a "onda brega" levou a decadência de alguns lugares, pois muitos tinham estilos clássicos, finos e europeus, ela relata que estes lugares não combinavam com este estilo que estava dominando a cena musical recifense[31].

A entrevistada 2 afirmou que não vê hoje em dia espaços de predominancia lésbica, mas que frequentou a Metrópole e o Pit House, ela ressaltou que preferia espaços mais escondidos e principalmente a noite, porém hoje ela vê que não há mais tanto essa necessidade das pessoas ficarem escondidas por ter uma "aceitação social" maior. Já a entrevistada 4 falou que parou mais de sair para locais públicos, ela prefere estar com amigos e familiares, mas que foi da última vez para a Metrópole. Ainda ressaltou alguns lugares na cidade de Olinda (RMR) que tinham uma maior presença feminina, seguindo a preferência de música ao vivo.

Na entrevista com a pessoa 4 ela apresentou questões das adolescente que ela trabalha, relatou situações de meninas de 12 e 13 anos que não tem tanto receio quanto ela tinha, estas adolescentes ficam em praças e tem uma maior liberdade na escola, a entrevistada atrela elas estarem ocupando esses espaços por falta de renda. A entrevistada 5 é casada e tem uma filha, por essas questões ela relata as suas experiências de 16 anos atrás, em espaços LGBTs, porém mesmo agora ela ainda prefere um bar com shows e mais intimistas. Locais frequentados por ela: Pit House, Castelinho Marrom, Nosso Jeito e o Bar da Foca (Zona Norte do Recife). A entrevistada atrelou a dificuldade de ter espaços de lazer para mulheres ao fato de serem mais exigentes, requisitando: conforto, segurança, banheiros limpos e bebida gelada. E que festas até hoje ocorrem de forma mais íntima (reunião de amigas).

A entrevistada 5 afirmou que nunca houve locais exclusivos para mulheres, no máximo uma predominância no espaço de lazer. Ela delimitou a área do bairro da Boa

[31] Chiara Albino falou sobre o brega no capítulo do livro Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil (Maior e Quinalha, 2023), com o título "Recife é brega, meu amor!": modos de subjetivação, homossexualidades masculinas e música eletrônica bagaceira. Alguns dos locais relatados neste capítulo também foram relatados pelas minhas entrevistadas.

Vista[32] onde havia estes espaços: Maria Bethânia, Refúgio e Habeas Corpus. Ressaltou o bar da Cris (rua das Moças), este bar tinha a predominância de shows, a pessoa 6 assistiu Elke Maravilha, Raça Negra e shows de transformistas neste bar. A entrevistada falou que não era fácil manter estes espaços, ela deu de exemplo o Gosto Caseiro (rua da Soledade) que foi fechado por pressão da vizinhança, que reclama do barulho e não aceitavam LGBTs. Ela ainda falou dos pontos de encontro da turma: Cine Veneza, Escola de Engenharia e DCE, e o Mustang. Afirmou que acredita que a decadência de muitos espaços ocorreu pela conquista de liberdade pelas mulheres, possibilitando uma maior mobilidade social.

Nestas entrevistas foi possível relembrar Fernandes (2009) e Malta (2018), onde o consumo e o Espaço Relacional também estão atrelados a identidade, alguns lugares aparecem repetidos em entrevistas diferentes, marcando a questão de afirmação de identidade pelo consumo (dos mesmos bens e espaços).

Seguindo com o segundo objetivo “Apresentar e entender quais motivos levam mulheres lésbicas a ocupar espaços de lazer na capital pernambucana;” a partir desse objetivo criou-se a pergunta “Como você avalia a relação entre as mulheres lésbicas e os demais frequentadores dos espaços de consumo e lazer em Recife? Existe alguma tensão ou conflito nessa relação?”. A partir deste questionamento conseguimos visualizar também ações complicadoras.

A entrevistada 1 relatou alguns casos de invasão da sua privacidade por homens, como abordagens na saída do banheiro e deles se referirem às mulheres como objetos. Relatou uma homofobia vivenciada no Hotel União (bairro da Boa Vista), trecho da entrevista:

> -Eu passei por uma situação de homofobia em um hotel aqui no Recife que é o Hotel União[33] na Rua da União, que chegou eu e uma namoradinha minha da época, quando a gente chegou a recepcionista olhou pra cara da gente como se a gente fosse trombadinha, então pedimos a ela um quarto, sabe o que ela disse? (risos) Que não! Que lá não aceitava sapatão não, aí a menina que tava comigo perguntou logo o porquê, mas a mulher respondeu que não podia entrar duas mulheres de jeito nenhum e realmente não deixou a gente entrar.

[32] Pessoa 5: “...então por exemplo ali no centro da cidade, naquele perímetro que você tem da Rua do hospício, Rua da Conceição, Rua Sete de Setembro, Rua Gervásio Pires, tinha o Maria Bethânia, o Refúgio, tinha o Habeas Corpus que era conhecido como HC”.

[33] Hotel e Motel União, muito frequentado por trabalhadores da região da Boa Vista e LGBTs.

Ela explanou sobre as várias experiências de lesbofobia que passou, em uma destas onde ela sofreu uma violência física, foi quando a entrevistada 1 abriu um BO (Boletim de Ocorrência). Ela começa contando o que aconteceu:

> -E aí 2007 se eu não me engano, eu sofri um espancamento num bar próximo a minha casa, num bar que eu nunca me sentava, fui lá porque tinha muitos amigos meus, foi muito legal, muito bom de revê-los, só que dentro desse bar tinha bandido né, e a gente não sabe nunca, tinham homofóbicos também, e teve um cara que queria porque queria se agarrar comigo, e na época eu estava com uma companheira.

Já nesta introdução, a entrevistada 1 ressalta que não sentava nesse bar, que o convite de amigos levou ela a estar nesse ambiente. Ela afirmou que esse momento ocorreu após os amigos dela irem embora e ela ficar, praticamente, só com a companheira no bar. Continuando mais a frente, quando ela explica como ocorreu a agressão:

> -Aí ele veio para atrás de mim para se esfregar, ai a minha companheira foi deu empurrão nele, ele foi e pegou a cabeça dela ficou sacudindo o pescoço dela, aí eu dei um murro nele, ele caiu, e virou uma confusão, ele saiu correndo, eu peguei uma pedra sai correndo atrás dele, atirei a pedra e se pegasse na cabeça dele ele já tava em outro plano, Graças a Deus não pegou. Então eu voltei no bar, porque eu tinha pego umas pimentinhas da casa de uma amiga, que são umas pimentas raras, aquelas pimentas de cheiro que são bem saborosas. Quando voltei para pegar, tinha um casal conhecido lá, que inclusive eu já tinha me envolvido com a irmã dessa menina, que inclusive faleceu a irmã dela. Aí a esposa desse rapaz, trabalhava quase na frente da minha casa, numa loja. Eu fui né, voltei peguei minha pimentinha, tinha uns dois copos de cerveja ainda na garrafa, aí eu coloquei no copo para relaxar. Então esse casal chegou próximo de mim e perguntou “o que foi que houve?” e eu disse “aquele cara veio querer se esfregar atrás de mim”, ele respondeu: “e por que você não deixou?”, e eu disse “se fosse tua mulher tu ia deixar?”, eu nem terminei essa frase, ele já foi me espancando, dando murro em mim, quebrou meu óculos, arranhou a lente toda, eu perdi minhas jóias, que eu tava de brinco de prata com pingente maciço, e eu fui muito espancada por ele. Tinham outros homens no bar, e os caras só me pegavam para ele bater em mim. Então quando você tá num ambiente, vamos dizer assim “heterosexual”, que nem é de verdade né, mas quando tá no ambiente que você realmente não frequenta muito e não tá com pelo menos alguns amigos, eu recomendo que a gente tenha muito cuidado.

Já aqui no final ela faz um alerta para os cuidados com os espaços para evitar problemas. A entrevistada 1 ainda afirmou que após esse ocorrido nunca mais foi a mesma, em relação a confiança e segurança nos lugares. Além de toda a situação ainda há a segunda parte, do tratamento com a justiça. Nessa busca por seus direitos ela passa por uma re-vitimação, tendo que contar a violência sofrida várias vezes e

ainda ter dificuldade de encontrar uma delegacia que pudesse realmente fazer o BO. Trecho da entrevista com a pessoa 1:

> -Aí eu sofri esse espancamento, no mesmo dia eu fui na delegacia das mulheres, e lá eu fiquei assustada, porque quando eu cheguei, com uma amiga minha, a primeira coisa que aconteceu foi um cara agente de polícia, inclusive não tinha delegacia da mulher em Paulista só tinha no Santo Amaro lá no Recife e fomos lá. Quando chegou lá o cara disse que não resolve por causa de sapatão não, tu acredita que escutei isso numa delegacia da mulher? E aí depois eu acabei falando com a delegada e ela disse para mim que: "infelizmente a gente não pode fazer esse registro aqui, porque você mora em Paulista, se você morasse aqui em Recife poderia fazer". Então, a gente era muito desassistido naquela época, aí eu venho para a delegacia de Paulista fazer o B.O todinho certinho, tive que repetir tudo uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes e depois quando eu fui ver o B.O tava todo em branco, tinha apenas os bens que eu tinha perdido, porque ele não colocou mais nada.

Ressalto aqui a questão do apoio da amiga para conseguir ter forças suficientes para denunciar e também (mesmo que não explicitado) a disponibilidade financeira para prosseguir com o processo. Ainda sobre esse mesmo caso, a entrevistada 1 falou das questões que passou em casa por causa disso:

> -Foi horrível, porque eu chorei muito fiquei muito machucada, aí meu pai não queria que eu ficasse dentro de casa, porque meu pai não entendia, ele disse que fui eu e que foi por causa da mulher da minha companheira, disse que estava nua e tava com a roupa curta, e não foi nada disso ela tava com vestido na altura do joelho e mesmo que ela tivesse de roupa curta isso não era a causa maior…

Nesta história conseguimos identificar 3 agentes na violência sofrida, 1º o próprio agente que cometeu a violência, em 2º o agente intrafamiliar que é o pai, demonstrando o machismo sobre a roupa da mulher e 3º o agente de polícia (que são vários no caso), mas que representa essa necessidade de detalhes da violência sofrida, re-vitimizando a entrevistada 1 após tudo que já tinha passado.

Ainda sobre esse trecho, nós podemos visualizar que a roupa feminina ainda é uma questão quando se fala de violência sofrida, nesse caso nem foi a entrevistada 1 que foi questionada em relação a roupa e sim a sua companheira, reafirmando que as mulheres mais femininas podem sofrer violência ou causar para outra pessoa apenas pelas roupas que estão usando.

A entrevistada 2 reconheceu seu privilégio branco e afirmou não ter passado por nenhum tipo de violência em relação a sua sexualidade, que sempre teve um bom convívio com as outras pessoas presentes no local, sendo o espaço público ou

privado. Também comentou a necessidade de olhar para a agenda de exigências das mulheres para depois pensar em lazer (o que lembra muito a questão de como o movimento LGBT sempre foi subalternizado por ser “supérfluo” comparado com necessidades básicas do ser humano). A entrevistada 4 também relatou nunca ter sofrido violência física, porém sofreu de forma verbal, e que apontamentos e sussurros acontecem ao seu redor. Ela conta uma questão da escola que ela trabalha: “Porque a gente é discriminado sabe, eu sei que dentro da escola se os meus alunos pudessem escolher, principalmente os evangélicos, eles não teriam aula comigo, ele iam querer uma outra professora que fosse hétero de preferência evangélica”. A partir deste depoimento podemos observar o quanto as crianças e adolescentes já reproduzem preconceitos aprendidos principalmente na igreja e na família.

Já a entrevistada 4 por ser mãe apresenta uma perspectiva diferente, afirmando ser resistência, de não querer que sua filha viva numa bolha, mas protegendo ela das questões da sociedade, pois o meio social não está preparado para os chamados “novos” modelos de família. A respondente 4 afirmou não frequentar espaços com predominância de pessoas heterossexuais, evitando locais que não conhece principalmente para não lidar com os olhares discriminatórios. Perguntei a ela se já tinha sofrido alguma violência em relação a sua sexualidade:

> -...tem vários, eu posso até aqui, para não dizer todos, resumir um lugar. Foi no transporte público, eu tava voltando de Recife e Olinda, eu morava em Paulista- Maria Farinha e eu tava no ônibus, já era casada e tudo, eu tava sentada naquela cadeira mais alta né do ônibus, eu tava um pouquinho cansada aí eu deitei no ombro da minha esposa assim né… E aí tem uma senhora atrás que ficou me xingando e ameaçou descer do ônibus porque ela estava na nossa presença…

Perguntei se ela denunciou e ela respondeu: “Eu não cheguei a denunciar, porque eu não tive tempo de chegar no espaço jurídico e formalizar a minha a minha queixa, mas não foi por falta de situação, não foi por falta de tempo meu mesmo de apoio emocional, jurídico, físico, e financeiro…”. Nestes relatos da entrevistada 4 é perceptível que não é fácil de fazer valer os seus direitos e que o dinheiro também dita se a pessoa vai ter acesso não só aos espaços de lazer, mas também à justiça.

Por último, a entrevistada 5 relatou uma situação que já tinha ouvido outras pessoas comentarem, que aqui em Recife as pessoas atiravam dos prédios ovos em LGBTs:

> -...eu me lembro que na época tinha meninas bem menininhos na sua característica física, em forma de vestir, de lhe dar, de andar, e isso chamava a atenção do olhar do outro, e por vezes havia xingamentos, eu tenho uma

> experiência que uma vez saindo do clube da Cris, surgiu de algum lugar, ninguém viu, ninguém sabe de onde, mas surgiu ovo para tacar na gente saiu do clube, e em um outro momento, em que a gente saindo da Cris, o cara xingou e houve uma garota que reagiu e puxou a arma, e sem falar das alcunhas, na agressão verbal que tinha muito né?

Associando com o comentário que a entrevistada 5 falou anteriormente sobre a sociedade “empurrar” os LGBTs para os guetos, mas mesmo nos espaços considerados LGBT friendly não há garantia que o entorno seja também receptivo. Refletindo sobre as respostas recebidas é perceptível que a segurança é de suma importância (como já foi apresentado em outras pesquisas), esta questão modifica a forma da mulher viver em sociedade, ter a sensação de insegurança na cidade impede elas de poderem viver plenamente.

Voltando ao objetivo geral, sobre a formação e consolidação da territorialidade das mulheres lésbicas em Recife-PE, foram feitas duas perguntas, a primeira: “Você acredita que a ocupação de espaços de consumo e lazer é importante para a formação e consolidação de territorialidades lésbicas em Recife? Por quê?”

Das entrevistadas, apenas as pessoas 2 e 4 falaram que é importante a existência destes espaços, a entrevistada 2 ressalta que os espaços sempre foram no bairro da Boa Vista e Recife Antigo, que há uma defasagem de festas na Zona Norte da cidade. Ela ainda afirmou que apesar de tudo acha mais importante outras agendas, que ainda é necessário que pessoas levem e fortaleçam as agendas das mulheres como um todo. A entrevistada 4 tem consciência da existência dos espaços que são mais segregadores e com predominancia de pessoas brancas e heteros (que volta aquela questão da discriminação) e por fim afirmou: “então se adapta o mercado, ele que precisa se adaptar a mim, não eu a ele”.

Já as pessoas 1 e 5 falam que essa ocupação em suas experiências foram feitas de forma paga, ou com o pagamento para entrar ou o consumo (mesmo comentando que havia espaços gratuitos, elas não gostavam de frequentar), as duas entrevistadas relataram que essa ocupação ocorria quando as mulheres conseguiam a sua independência financeira, por aversão da família ao seu estilo de vida. A entrevistada 5 ainda afirmou que quando ela estava começando a sair entendeu que a sociedade “empurrava” os LGBTs para os guetos, que ao menor indício de condutas fora da heteronormatividade era condenada e até difamada pela sociedade.

Por último, a entrevistada 3 falou que o receio da homofobia fez ela modificar sua forma de ocupar espaços de lazer e consumo, que prefere estar em festas e

shows para LGBTs ou que ao menos sejam mais receptivos. A entrevistada ainda reclamou que há festas exclusivas para homens gays e que nunca participou ou ouviu falar de uma só para as mulheres, por isso também sente falta dos espaços que tinham antigamente.

Nesta questão, as entrevistadas apresentaram vivências sobre a territorialidade e espaço, lembrando Milton Santos (1978) onde o espaço é “um conjunto de formas representativas de relações sociais” (p. 122), e elas mostraram que estar com “iguais” ou amigos é mais seguro e confiável.

E a ultima questão foi: “Como você enxerga a relação entre a ocupação de espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas e a construção de uma identidade coletiva e de uma cultura lésbica em Recife?”

A entrevistada 4 enxerga que há uma importância, principalmente pelos encontros que ocorrem nesses locais, de se fortalecerem nos encontros com amigas. Ela ainda ressaltou que estas trocas que ocorrem nesses locais são importantes, para que não seja exclusiva na tv e na internet (ter exemplos palpáveis), principalmente agora que tem uma filha, ser um exemplo de mãe, mas também ser essa quebra no paradigma da “família tradicional brasileira”. Complementando que esta representatividade é importante para o conhecimento das pessoas, fora e dentro do meio LGBT, no intuito de diminuir a discriminação, sobre esta ultima a entrevistada 4 ainda falou que a maternidade afinou ainda mais o seu filtro para frequentar lugares, porque sentiu uma maior necessidade de redobrar a sua atenção para não sofrer nenhum tipo de violência.

Já a entrevistada 1 falou que já tem a sua identidade formada, mas acha que é importante ter espaços receptivos onde possa encontrar os amigos, mas sem a necessidade de um espaço específico para isso. Durante a entrevista ela atrelou a questão do nível de cultura (intelectualidade) das pessoas para que elas sejam menos preconceituosas, ela chama de espaços “alterna” (alternativos).

A entrevistada 2 ressaltou a necessidade de movimentos que levem a frente as agendas para as mulheres, de ações mais sociais como rodas de conversa (pela primeira vez o governo do estado de Pernambuco está sendo ocupado por duas mulheres Raquel Lyra e Priscila Krause (2023-), mas as agendas sobre mulheres aparenta estar em segundo plano neste governo). Ela ainda falou que sentia uma necessidade maior de estar com amigos nos meios LGBTs, e que hoje vê que não há espaços parecidos com os que tinham na sua juventude.

Uma das primeiras coisas relatadas pela entrevistada 3 foi a questão da idade, onde aparenta que os espaços estão preparados apenas para pessoas mais jovens (a velhice LGBT ainda é muito pouco explorada e estudada, Adriano Nunes (2022)[34] fala sobre isso em seus estudos), ela continua falando da escassez de espaços e a falta de representatividade, porém sentia uma necessidade da existência desses espaços antigamente, por haver uma certa "proibição" de existir na sociedade como um todo (a segregação que "empurrava" os LGBTs para os guetos). A entrevistada 4 ainda fala que não frequenta espaços desconhecidos por ela ou seus amigos, que hoje não conhece nenhum espaço que tenha predominancia lésbica, adicionou que prefere lugares mais tranquilos, então não gosta de frequentar a Metrópole.

Por fim a entrevistada 5 afirmou que não percebe nenhuma necessidade da territorialização para a formação da identidade, pois ela fala que tem liberdade para ser quem é em qualquer ambiente (isso pode ocorrer por ela já ter a sua identidade formada já que tem 61 anos e por sua independência conquistada já a muito tempo). Em um trecho da entrevista ela fala:

> -a partir do momento que a gente territorializa a gente cria guetos… a partir do momento que eu não reconheço o bar que tem próximo aqui a minha casa como um espaço que eu posso frequentar e ter um gesto de carinho com uma parceira ou companheira, ou olhar para uma mulher com olhar de interesse, eu tiro de mim toda essa história que vem de mim, que foi construída e de certa forma, institucionalmente o estado de certa forma lhe traz esse aparato, porque o estado diz que você não pode ser assediada, no sentido de ser constrangida, você não pode ser retirada, nada disso, já existe um aparato tá.

Diferentemente das anteriores, a entrevistada 5 apresenta uma confiança nas leis e no governo, inclusive ela citou a Deputada Erika Hilton (a primeira mulher trans negra a ocupar esse cargo), elogiando a atitude e os enfrentamentos que ela tem dentro da câmara dos deputados. A pessoa 6 reconhece o impacto monetário que o público LGBT tem (em vários momentos ela ressaltou a questão destas pessoas serem bem sucedidas, porém acredito que ela se refira a apenas gays e lésbicas, pois travestis e transexuais ainda tem uma baixa expectativa de vida e muita dificuldade de conseguir estudar ou trabalhar), representado neste trecho: "Haja vista, "queiram ou

[34] A temática da dissertação de Adriano foi: "Turismo e memória pela história oral sobre viagens dos idosos LGBT+" apresentada em 2022 disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-27102022-143044/publico/Dissertacao_Mestrado.pdf

não queiram os juízes[35] "… quem compreendeu que bom que hoje tem um outro olhar, quem não compreendeu tem que engolir, principalmente porque o poder econômico hoje é muito relevante".

Por último a entrevistada 5 faz uma comparação:

> -Então a turma que discute hoje não é a minha turma que discutiu no passado, que não sabia conceitos, que não tinha referências, não que não já houvesse, é que não se tinha a cultura do estudar, do se embasar, do pesquisar, eram ideias que estavam ali a universidade era outra coisa, o ensino médio já era suficiente, o "científico" na época (risos). Então eu acredito que este espaço já o tem, é óbvio que a cada dia que passa é preciso afirmar mais e tudo mais…

Neste trecho ela evidencia a importância do conhecimento para um reconhecimento e também uma ação política, onde antigamente não era tão incentivada ou tão palpável, para a população no geral, ter acesso a universidade.

Então a partir destas entrevistas apresentadas e discutidas, consegue-se ver que os guetos como existiam até o início dos anos 2000 se modificaram ou se dissolveram, muito atrelado a liberdade que o público LGBT tem conquistados com o tempo, juntamente com os direitos adquiridos para uma melhor vivência social. No intuito de responder a pergunta norteadora da pesquisa: **de que forma a sexualidade da mulher contribui nos processos de formação e consolidação de territorialidades atreladas a suas formas de lazer e consumo no meio LGBT?**

A forma de consumo das mulheres lésbicas está mais atrelado a segurança, pois ser mulher na sociedade atual é muito difícil (principalmente por sermos alvo de violência em todo e qualquer lugar). Já em relação às preferências, elas apresentaram uma unidade em relação a bar com música ao vivo, ambientes tranquilos, intimistas e limpos. Mesmo com algumas entrevistadas dizendo que a ocupação dos espaços é importante, todas elas afirmaram que há uma preferência por estar com amigos e familiares, então entendo que a localidade não seja tão importante para a formação da identidade e sim a troca de experiências com pessoas de gostos parecidos. O advento da internet também possibilitou os encontros virtuais, grupos nas redes sociais para se conhecer e fazer essa troca, ela também proporcionou um acesso mais rápido e fácil às informações, então temos uma modificação nos espaços, onde parte dele pode ser online sem nenhum contato físico e na "segurança" da sua casa.

---

[35] Este trecho é da música "Madeira que cupim não rói" de autoria de Antônio Nóbrega de 1997: "Não vem pra fazer barulho, vem só dizer… e com satisfação: Queiram ou não queiram os juízes o nosso bloco é de fato campeão…"

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento bibliográfico revelou uma trajetória complexa, na qual a formação de grupos, como sindicatos e movimentos sociais, desempenhou papel crucial na conquista de direitos e representatividade para diferentes comunidades, incluindo o movimento LGBT. A abordagem de Castells e Borja (1996) destaca a importância de uma cidade competitiva integrar socioculturalmente a maioria de sua população, evidenciando que a hospitalidade urbana desempenha um papel fundamental nesse processo. A perspectiva de Camargo (2004) sobre a hospitalidade urbana, especialmente quando vinculada ao turismo, destaca a responsabilidade do gestor público na promoção da qualidade urbanística.

A emergência de grupos, como o Grupo de Ação Lésbicas-Feminista (Galf), foi vital para a identidade e reconhecimento das mulheres lésbicas, enfrentando diversas formas de repressão. O "ChanacomChana," boletim criado pelo Galf, exemplifica a busca por visibilidade e espaço em estabelecimentos como o Ferro's Bar. O episódio que ficou conhecido como o "Stonewall brasileiro" ressalta a resistência das mulheres lésbicas contra a discriminação. Em Recife, o movimento LGBT ganhou força com o Movimento LGBT Leão do Norte em 2001, enfrentando desafios semelhantes às mulheres em São Paulo. A aprovação de leis municipais, como a Lei Nº 16.780/2002 e suas atualizações, demonstra um avanço significativo na promoção da diversidade sexual e no combate à discriminação.

A análise de narrativa revelou um cenário desafiador para a comunidade lésbica na cidade do Recife, marcado por dificuldades de acesso à justiça em casos de violência, uma decadência perceptível e a carência de espaços de consumo e lazer dedicados predominantemente às mulheres lésbicas. Focando no objetivo deste trabalho: Compreender como ocorrem os processos de formação e consolidação de territorialidades das mulheres lésbicas na cidade do Recife-PE. Foi visto que, houve uma decadência em espaços para mulheres e que elas mesmas fazem a sua territorialidade, já que hoje em dia as pessoas se sentem mais livres para se expressar. Porém, lembrando que para as entrevistadas a segurança é primordial, então elas aceitam pagar para estar em um local seguro.

A invisibilidade e marginalização enfrentadas pela comunidade lésbica são evidenciadas nas histórias compartilhadas durante as entrevistas. A ocupação desses espaços, notadamente bares, shows e alguns espaços públicos, é fortemente influenciada pela dimensão financeira, ressaltando a necessidade de recursos para

participação, seja através do consumo ou da compra de ingressos. Esta constatação destaca a relação direta entre a condição socioeconômica e a capacidade de ocupação desses ambientes. A pesquisa não apenas identifica os desafios enfrentados pelas mulheres lésbicas na cidade, mas também destaca suas estratégias de resistência e a forma ativa como moldam seus espaços de consumo e lazer. Esses *insights* são cruciais para compreender a complexidade das territorialidades lésbicas em Recife, proporcionando uma compreensão profunda das experiências dessas mulheres na cidade. A dissertação oferece uma contribuição significativa ao explorar a interseção entre desafios urbanos, identidade lésbica e estratégias de resistência, fornecendo uma base valiosa para futuras discussões e ações voltadas para a promoção de inclusão e reconhecimento em uma cidade diversificada, mas que ainda apresenta obstáculos.

No entanto, a análise de narrativa revela que persistem desafios, como a dificuldade de acesso à justiça em casos de violência, a decadência de espaços específicos para mulheres lésbicas e a predominância da ocupação desses locais pelo aspecto financeiro.

A partir das descobertas feitas neste estudo, aqui sugiro possibilidades para continuação, aprimoramento ou aprofundamento dos estudos sobre territorialidade das mulheres lésbicas em Recife. Como foi visto, a idade mais avançada e o fato de estarem casadas modificam a sua forma de consumo, então pode ter uma variedade maior ou se focar em uma faixa etária diferente. Da mesma forma que o local de moradia, todas as entrevistadas moram na Região Metropolitana, poderia focar nas pessoas que moram em Recife, possibilitando uma visão das regiões de consumo e lazer na cidade. Por fim, olhar para as turistas que chegam a Recife, como a cidade é vista por estas pessoas e como elas consomem quando chegam. Olhar por estes outros pontos ampliará os conhecimentos sobre o público estudado e possibilita mais informação e respeito para o turismo.

Sobre a pergunta feita no título do trabalho “Podemos dar as mãos?”, observou-se com o estudo que não é em qualquer lugar que as mulheres se sentem confortáveis para exercer a sua sexualidade em locais públicos, até porque muitas delas vivenciaram violências por simples demonstração de afeto. A conclusão ressalta a necessidade contínua de políticas públicas e ações efetivas para garantir a justiça social, o reconhecimento e a inclusão de todas as comunidades LGBT, reforçando a importância de uma gestão urbana participativa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. **A onda quebrada** - evangélicos e conservadorismo. Cadernos Pagu, São Paulo, n. 50, p. 5-30 2017. Disponível em: https://bit.ly/3fKZpke. Acesso em: 10 de Junho de 2021.

BARBOSA, Daniella Pereira; MEDAGLIA, Juliana. Tecnologia digital, turismo e os hábitos de consumo dos viajantes contemporâneos. **Marketing & Tourism Review**: Belo Horizonte. v. 4, n.2, ago-dez, 2019. Disponível em: DOI: 10.29149/mtr.v4i2.5394. Acesso em 22 de Novembro de 2024

BRASIL, Ministério do Turismo (MTur). Mapa do Turismo 2022 - Programa de Regionalização do Turismo. Disponível em: https://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home. Acesso em: 4 de Janeiro de 2023.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331008193_A_ENTREVISTA_COMO_TECNICA_DE_INVESTIGACAO_NA_PESQUISA_QUALITATIVA Acesso em: 22 de Novembro de 2024

_____. Categorização dos municípios (última atualização: Março de 2022). Disponível em: http://regionalizacao.turismo.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=262. Acesso em: 4 de Janeiro de 2023.

CÂMARA LGBT. Mulher Trans Assume A Inédita Secretária Dos Direitos LGBTQIA+. Notícias, 03 de Janeiro de 2023. Disponível em: https://camaralgbt.com.br/mulher-trans-assume-a-inedita-secretaria-dos-direitos-lgbtqia/ Acesso em: 7 de fevereiro de 2023.

CÂMARA LGBT. Vídeo Diversidade. Produção: Visit Brasil https://www.visitbrasil.com/pt/. Compartilhado via: https://www.camaralgbt.com.br/videodiversidade-legendado/. Publicado: 02 de Janeiro de 2023. Acesso: 15 de Janeiro de 2023.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **As Leis da Hospitalidade.** RBTur (Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo), São Paulo, 15 (2), e-2112, Maio/Ago, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i2.2112 Acesso: 19 de Dezembro de 2022.

_____. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. **Os interstícios da hospitalidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial , p. 42-69, Maio 2015. Disponível em: https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/574. Acesso em: 4 de Dezembro de 2021.

CARTA CAPITAL. Deputados pedem investigação sobre ‘cura gay’ em igreja evangélica após morte de Karol Eller. Diversidade, 17 de Novembro de 2023. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/deputados-pedem-investigacao-sobre-cura-gay-em-igreja-evangelica-apos-morte-de-karol-eller/. Acesso em: 25 de Novembro de 2023

CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. **As Cidades como Atores Políticos**. Novos Estudos, Nº 45, Julho de 1996. CEBRAP. P. 152 - 166.

CASTRO, Celso. **Textos Básicos de Antropologia**: Cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. Editora Zahar; 1ª edição. 2016

COLLING, Leandro (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero.** Salvador: Editora da UFBA, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30169/1/dissidencias-sexuais-genero-repositorio.pdf. Acesso em: 20 de Agosto de 2023.

CONSELHO NACIONAL DE PSICOLOGIA. Transexualidade não é transtorno mental, oficializa a OMS. Notícia do portal, 22 de Maio de 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/. Acesso em: 20 de Janeiro de 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Luísa Marianna Vieira da. **Estratégias de resistência à heterossexualidade compulsória utilizadas por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres em contexto interiorano.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 106, 2019.

D’EMILIO, John. ***Capitalism and Gay Identity***. *IN: Powers of Desire: The politics of sexuality,* 1983*, New feminist library series*. Nova Iorque: *Monthly Review Press.*

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife sediará o 11º Seminário Nacional de Lésbica e Mulheres Bissexuais (SENALESBI). 25 de Outubro de 2023. Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/ultimas/2023/10/recife-sediara-11-seminario-nacional-de-lesbica-e-mulheres-bissexuais.html. Acesso em: 4 de Novembro de 2023.

Dumazedier, J. (1973). **Lazer e cultura popular.** Tradução: M. L. S. Machado. São Paulo: Perspectiva. 1973

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre A Tipologia De Territórios**. Carumbey, São Pedro, Paraguai. 2009. Disponível em: https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/sobre-a-tipologia-de-territorios.pdf

FORBES. Startup cria plataforma online para identificar lugares amigáveis ao público LGBTQIA+. Forbes Tech, 17 de Junho de 2021. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/06/startup-cria-plataforma-online-para-identificar-lugares-amigaveis-ao-publico-lgbtqia/. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2023.

G1 PE. Rua do Recife ganha cores do arco-íris para celebrar o Dia do Orgulho LGBTQIA+. 28 de Junho de 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/06/28/rua-do-recife-ganha-cores-do-arco-iris-para-celebrar-o-dia-do-orgulho-lgbtqia.ghtml . Acesso em: 17 de Outubro de 2023

G1 PE e TV Globo. Ruas do Recife recebem pinturas nas cores do arco-íris para celebrar 50 anos do Dia do Orgulho LGBT. Recife: 28 de Junho de 2019 Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/06/28/dia-do-orgulho-lgbt-ruas-do-recife-recebem-pinturas-nas-cores-do-arco-iris.ghtml. Acesso em: 17 de Outubro de 2023.

GUIA EDITORA. Guia Gay Recife / nov/14-jan/15. 7 de Novembro de 2014. Disponível em: https://issuu.com/guiya-editora/docs/guia-gay-recife-3-recife-gay-guide Acesso em: 18 de Dezembro de 2022.

GUSMÃO SÁ, Beatriz Yolanda Pontes De. **O Consumo E Seus Desdobramentos Sociais Entre Os Jovens Homossexuais No Recife**. Dissertação (Mestrado Consumo, Cotidiano E Desenvolvimento Social) - Departamento De Ciências Domésticas, Universidade Federal Rural De Pernambuco, Recife. p. 140. 2017. Disponível em: http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7518. Acesso em: 15 de Outubro de 2021.

JORGE VERCILLO. **Avesso**. (Música) Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yelwN3DSPgc. Acesso em: 26 de Novembro de 2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. Guia Gay Recife mostra os *points* mais quentes da cidade. Diversão, 30 de Novembro de 2014. Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/jc-mais/noticia/2014/11/30/guia-gay-recife-mostra-os-points-mais-quentes-da-cidade-158570.php. Acesso em: 18 de Dezembro de 2022.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. ***Narrative Analysis: Oral versions of personal experience.*** In: June Helm. Ed.. Essays on the verbal and visual arts. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LAMPIÃO da Esquina. (Documentário) Diretora: Lívia Perez. Cinematografia: Felipe Vieira, Andre Menezes. Codireção: Noel Carvalho. Produção Executiva: Giovanni Francischelli . Coprodução: Canal Brasil. Brasil: Doctela, 2016. Trailer oficial: https://www.youtube.com/watch?v=lSr-MplZwzc.

LEMOS, Ana Carla da Silva. **Movimentos de Lésbicas de Pernambuco : uma etnografia lésbica feminista**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 611, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38040. Acesso em: 28 de Agosto de 2022.

MACRAE, E. Em defesa do Gueto. *In:* **A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"** [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 51-66. Disponível em: http://books.scielo.org/id/yn5sj/pdf/macrae-9788523219987-05.pdf Acesso em: 27 de Junho de 2021.

MAIA, H. T.; SANTOS, M. A. dos; ASSUMPÇÃO, P. **Dossiê cidades dissidentes**. Revista Periódicus, 1(8), 01–03, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.25296. Acesso em: 24 de Maio de 2022.

MAIOR, Paulo Souto; QUINALHA, Renan (Org.) **Novas Fronteiras das Histórias LGBTI+ no Brasil.** 1ª Edição, São Paulo: Elefante, Junho de 2023.

MALTA, Eder. Cidade e turismo: o valor de consumo da (contra)paisagem cultural carioca. **Teoria e Cultura:** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 13 n. 2 Dezembro. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.34019/2318-101X.2018.v13.12410 Acesso em: 22 de Novembro de 2024.

MARTINS, Matheus de Oliveira; FERNANDES FILHO, Francisco Nilton Vieira; BARROS, Amélia de Farias Panet. **Territorialidade e Sociabilidade LGBT na Cidade de João Pessoa: uma análise sobre o direito à cidade**. *In:* PROJETAR: ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES, 9, 2019, Curitiba. Anais Eletrônicos. Disponível em: http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/2508/1/_ARTIGO%20124.pdf Acesso em: 19 de Maio de 2021.

MARTINS, Raquel Mendonça. **Espaços Físicos e Afetivos do Funk: O musicar local das festas lésbicas de São Paulo.** Revista de Antropologia da USP, Giz - Gesto, Imagem e Som, volume 6, número 1, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.175893. Acesso em: 26 de Agosto de 2022.

MASP - MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. **Histórias da Sexualidade** (Catálogo). Organização: Adriano Pedrosa e Camila Bechelany. Curadoria: Adriano Pedrosa, Camila Bechelany, Lilia Schwarcz e Pablo León. São Paulo: MASP, 2017.

MC QUEER. **Fiscal.** (Música) São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2PP1232EJdQ. Acesso em: 13 de Maio de 2021.

MEIRA, Isabela de França. **Artivismos E Dissidências Sexuais:** Movimentos coletivos de (cri)ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências

Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 156, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36053. Acesso em: 01 de Junho de 2022.

MELO, Joana Dark. 17 de maio 1990: a homossexualidade é retirada da lista internacional das doenças pela OMS. **Redação Fenajufe** (Federação Nacional dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União), 17 de Maio de 2021. Disponível em: https://www.fenajufe.org.br/noticias/noticias-da-fenajufe/7713-17-de-maio-1990-oms-exclui-a-homossexualidade-da-lista-internacional-das-doencas#:~:text=A%20diversidade%20sexual%20fazia%20parte,Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20(OMS). Acesso em: 20 de Janeiro de 2023

MENDONÇA, Viviane Melo de. **Grafites que (Contra)dizem:** Gêneros e sexualidades na polifonia da cena urbana. Psicologia e Sociedade, n. 32, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32226483. Acesso em: 26 de Agosto de 2022.

MISTER B&B. Mapa Gay 2023 de Recife. Atualizações constantes. Disponível em: https://www.misterbandb.com/pt/gay-guide/brasil/recife/map?sw_lat=-8.059180915771636&sw_lng=-34.922920019417134&ne_lat=-7.964838825202198&ne_lng=-34.82593134143862 Acesso em: 18 de Dezembro de 2022.

MOUTINHO, K.; MEIRA, L.; CONTI, L. de. Desenvolvimento e construção narrativa de sentidos de identidade. In: K. MOUTINHO, K.; VILLACHAN-LYRA P.; SANTA-CLARA A. (Org), **Novas tendências em Psicologia do Desenvolvimento:** Teoria, Pesquisa e Intervenção (p. 133-158). Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 2013.

MOZDZENSKI, Leo. **Outvertising:** A Publicidade Fora do Armário. 1ª Edição, Curitiba: Appris Editora, 2020.

NEVES, Christopher Smith Bignardi. **Turismo LGBTQ+:** Aplicação bibliométrica na pesquisa científica dos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil (1997 - 2019). Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, Brasília, V9(1), Jan/abr, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.26512/revistacenario.v9i1.33650. Acesso em: 22 de Outubro de 2022.

NEVES, Úrsula. Transexualidade não é mais considerada um transtorno mental. Enfermagem, 29 de Janeiro de 2022, **PEBMED**. Disponível em: https://pebmed.com.br/transexualidade-nao-e-mais-considerada-um-transtorno-mental/#:~:text=29%2F01%2F2022-,A%20transexualidade%20efetivamente%20deixou%20de%20ser%20considerada%20uma%20doen%C3%A7a%20pela,transtorno%20mental%20por%2028%20anos. Acesso em: 20 de Janeiro de 2023.

NOHS SOMOS. Nohs Somos: uma missão coletiva. Disponível em: https://nohssomos.com.br/quem-nohs-somos-2/. Acesso em: 28 de Fevereiro de 2023.

_____. 1º Mapa LGBTI+ no Brasil. Disponível em: https://nohssomos.com.br/mapa-lgbti/ Acesso em: 28 de Fevereiro de 2023.

_____. Mapa LGBTI+. Disponível em: https://mapalgbti.nohssomos.com.br/ Acesso em: 28 de Fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, Adriana B.; BITTAR, Marilena; SOUZA, Luiza Aparecida de. **A análise narrativa como possibilidade de uma linguagem para experiência.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 04, n. 10, p. 93-106, jan./abr. 2019. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5731/pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

ONU BRASIL. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponivel em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs Acesso em: 25 de Janeiro de 2024

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes:** A ditadura e a repressão à comunidade LGBT. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **Movimento LGBTI+**: Uma breve história do século XIX aos nossos dias. 1ª edição e 1ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RECIFE. Lei Municipal Nº 16.780 de 28 de Junho de 2002. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/legislacao/lei-municipal-167802002-recife-pe/. Acesso em: 16 de Novembro de 2021.

_____. Lei Ordinária Nº 17.025 de 13 de Setembro de 2004. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2004/1702/17025/lei-ordinaria-n-17025-2004-pune-nos-termos-desta-lei-qualquer-ato-discriminatorio-aos-homossexual-bissexual-ou-transgenero-institui-o-dia-17-de-abril-o-dia-da-diversidade-sexual-e-da-outras-providencias. Acesso em: 16 de Novembro de 2021.

_____. Lei Ordinária Nº 17.818 de 23 de Julho de 2012. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2012/1781/17818/lei-ordinaria-n-17818-2012-altera-a-lei-17025-04-de-13-de-setembro-de-2004-que-institui-o-dia-da-diversidade-sexual. Acesso em: 16 de Novembro de 2021.

_____. PCR reforça campanha contra preconceito e discriminação de gênero em alusão ao Dia Internacional do Orgulho LGBT. Direitos Humanos, 25 de Junho de 2021, **Portal de Notícias da Prefeitura do Recife**. Disponível em: http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/25/06/2021/pcr-reforca-campanha-contra-preconceito-e-discriminacao-de-genero-em-alusao-ao. Acesso em: 16 de Novembro de 2021.

REDAÇÃO RBA. Bolsonaro repassou verbas para saúde de comunidade Yanomami a ONG evangélica, diz jornal. Política, 24 de Janeiro de 2023, Rede Brasil Atual. Disponível em:https://www.redebrasilatual.com.br/politica/bolsonaro-repassou-verbas-para-saude-de-comunidade-yanomami-para-ong-evangelica-diz-jornal/. Acesso: 25 de Janeiro de 2023

REIS, Diego Nunes. **Homens distintos:** consumo, construção do corpo e identidade gay viril. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2013. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4717 Acesso em: 26 de Novembro de 2021.

SANT'ANNA, Emilio. MPF: Ações de Bolsonaro em terra Yanomami foram feitas para não funcionar. Política, 24 de Janeiro de 2023, **Estadão Conteúdo**, São Paulo. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/01/24/mpf-acoes-de-bolsonaro-em-terra-yanomami-foram-feitas-para-nao-funcionar.htm. Acesso em: 25 de Janeiro de 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978

SANTOS, Rogério Reis dos. **"Uma bicha atrevida pede a palavra"**: o Lampião da Esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, Brasília, p. 127, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/31238. Acesso em: 31 de Maio de 2021.

SÃO Paulo em Hi-fi (Documentário). Diretor: Lufe Steffen. Brasil: Cigano Filmes, 2013. Trailer oficial disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ny98d_zkMVk>. Acesso em: 27 de Novembro de 2021.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A Epistemologia do Armário.** In: Cadernos Pagu, nº 28, janeiro-junho de 2007: pg. 19-54. Disponível em: https://bit.ly/31LLbHF Acesso em: 2 de Maio de 2021.

SERRANO-AMAYA, José Fernando. ***"Ideología de género", populismo autoritario y políticas sexuales*.** Nómadas, n. 50, p. 155-173, 2019. Disponível em: https://bit.ly/3wqH2ac. Acesso em: 10 de Junho de 2021.

SEVERINI, Valéria Ferraz; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Hospitalidade urbana e planejamento turístico**: os cinco estados mais hospitaleiros do Brasil em foco. Podium Sport, Leisure and Tourism Review, São Paulo, v. 9, p. 1-27, set./dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5585/podium.v9i4.16743 Acesso em: 26 de Agosto de 2022.

SILVA JUNIOR, A. M. **Diversidade sexual e inclusão social:** uma tarefa a ser completada. Franca: Lemos e Cruz. 2014.

SOUZA, Luiz Henrique B. L. de. **Festa no Gueto? Memórias e discursos em torno do "mercado GLS" em Recife/PE.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 136, 2016. Disponível em:

https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19014. Acesso em: 10 de Junho de 2021.

STONEWALL: Onde o orgulho começou. (Filme) Diretor: Roland Emmerich. Produção de Roland Emmerich. Estados Unidos da América: Centropolis Entertainment, 2015. *Strimmers: YouTube, Telecine, Globo Play, Apple Tv e Google Play Filmes e TV*.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª Edição (revista e ampliada), Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANEXO

Roteiro das entrevistas

Questão 1: Como você percebe que as mulheres lésbicas se apropriam e ocupam os espaços de consumo e lazer em Recife?

Questão 2: Quais são os principais locais que você identifica como espaços de territorialização lésbica na cidade?

Questão 3: Como você avalia a relação entre as mulheres lésbicas e os demais frequentadores dos espaços de consumo e lazer? Existe alguma tensão ou conflito?

Questão 4: Você acredita que a ocupação de espaços de consumo e lazer é importante para a formação e consolidação da territorialidade da mulher lésbica em Recife? Por quê?
Questão 5: E por último como você enxerga a relação entre a ocupação dos espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas e a construção de uma identidade coletiva de uma cultura lésbica em Recife?

APÊNDICES

Transcrição das entrevistas

-Entrevista 1

1ª Questão:

Virgínia: Como você percebe que as mulheres lésbicas se apropriam e ocupam os espaços de consumo e lazer em Recife?

Entrevistada 1: Percebo com muita naturalidade as mulheres lésbicas do Recife desde a década de 90 para cá tem tido muito mais oportunidades de trabalho e sempre foram mulheres de buscar e de lutar tudo que sobre todos os ideais e tudo que queria

principalmente na área educacional que é onde você realmente consegue fazer a tua mobilidade social Então dessa forma as meninas de bairro que não eram reconhecidas na sociedade só a não ser como criança né adolescentes se transformaram em mulheres donas do seu nariz do seu nariz e cada uma delas toma o rumo que quer referente ao trabalho algumas são donas dos seus próprios negócios mas sempre mulheres com autonomia de ir nos ambientes ambientes reservado para lésbicas que tinha antes que tinham muito mais e ficarem muito muito à vontade porque tava cumprindo o seu papel social direitinho e o fato de estar lá é só para usar como diversão mesmo.

2ª Questão:
Virgínia: Quais são os principais locais que você identifica como espaços de territorialização lésbica na cidade?

Entrevistada 1: Sobre esta questão, eu já frequentei vários e vários lugares, um deles que eu acho que é uma questão, é uma área de territorialização que era muito forte na época dos anos 80 e nos anos 90 e ainda em 2000 era o Mustang que era o point de encontro de todo mundo, que é na esquina da Avenida Conde da Boa Vista com a Rua José de Alencar, se não me engano. E aí todas as pessoas iam para lá e era maravilhoso, porque lá era aberto tinha cascalho/brita no chão, as mesas eram de granito e a gente ficava lá, era muito ventilado e a gente tomava chopp, então a gente era bem um nível assim de um bar no Rio de Janeiro que o pessoal toma chopp e a beira-mar né. E aqui apesar de não ser beira-mar era muito ventilado, era muito bom, era super delicioso lá e era o aquecimento para os outros locais, que eram os guetos mais fechados, onde as mulheres e homens iam e se reuniam para o aquecimento para poder ir para as baladas. E tinha outro também mas a frente que era o Do Car Alho, que era o “Do Car” e um alho desenhadinho, uma faixa bem grande e era super lotado, foi aí por volta de 92 e 93 por aí que eu comecei a perceber que as pessoas começaram a ser separar mais pelos dias, tipo a sexta-feira era muito mais regada a heterossexuais e lésbicas, e os sábados era muito mais regada os homens gays, então lá ficava superlotado, tinha público gay? Tinha, mas era muito pouco tipo assim era 90% mulher lésbicas e 10% gays. E aí era muito legal, era música ao vivo, sempre tinham cantoras que iam cantar e era muito bom. Logo depois abriu um outro que era ali perto do Shopping Boa Vista que era bem pequenininho… se chama chamava Pit

House, aí a gente ficava lá ao lado do Pit House logo após, umas três casa, eu acho que tinha prédio alguma coisa assim, tinha um lindão que abriu nos anos 90 mesmo 92 por aí que era o Última Estação coisa mais linda, tinha umas mesinhas tipo café francês aí tinha aquelas toalhas que desciam, muito bonitinho tudo muito arrumado, as taças tudo muito legal, mas infelizmente aqui no Recife eu acho que tem algum problema em relação a isso, eu não sei se é a questão da cultura, que é muito voraz aqui e vai atropelando, atropelando, atropelando e tem algumas pessoas que tem problemas em se manter, tipo em manter um bar nesse estilo, porque ele não dá o público que a pessoa gostaria.

Então nessa época íamos todos, tinha música no Pit House, com uma música legal eletrônica, internacional e nacional, era muito massa a gente ficava lá mais para sentar tomar uma cerveja, conversar e reencontrar todas as pessoas, no Mustang como eu já falei era um pré-aquecimento para as boates e no Do Car Alho que era farra boa na sexta-feira né, que ia de madrugada dentro.

Também tinha um lugar que sempre foi maravilhoso, que era um chamariz para todo mundo, turistas, pessoas de toda diversidade e heterossexuais também, que é o Pátio de São Pedro e lá a gente tinha vários bares que abraçavam bem essa causa LGBT na época que era GLS. E aí houve essa condição de alguns bares, não praticamente fechar para as lésbicas, mas assim como era um público que rendia muito bem né, bebia, comia, pagava conta e não tinha muito problema, sempre era fazer amizade com o pessoal, então os bares, na hora que você tá entrando no pátio, os bares que ficam à direita, que era o Aloha e tinha outros também, o público era muito, muito, muito de lésbicas, era muito legal lá sempre foi muito então era point e era super super lotado, muito bom.

Um outro bar que eu frequentei que parecia uma pocilga (risos), tinha gente que amava esse lugar, eu não gostava não. Uma casa bem antiga, bem escura, tudo escuro dentro, me dava uma agonia e tinha umas mesas, o pessoal fumando dentro, até a calcinha da gente saia com cheiro de cigarro… E era mesa e você nem enxergava, tinha uma pessoa que levava você para mesa, porque você não conseguia enxergar né. E aí, lá tinha música, tocava muita MPB, o nome do bar era Maria Bethânia. Pô Maria Bethânia (cantora) é um monstro sagrado, merecia um bar bem bonito né, mas lá era tipo aconchegante, porque você acabava encontrando sempre muita gente inteligente, hoje a gente tem uma diversidade muito grande, naquela época, o que era interessante é que você quando saía aquelas mesmas pessoas você ia encontrar em

todos os lugares que você fosse, porque sempre tinha alguém conhecido onde você chegava. Eu cheguei a um ponto de ir para um clube que se chamava Clube da Cris, que a festa era no domingo lá. Nossa! Aí você dançava, era tipo As Pás dos Gays[36]. Tinha festa de carnaval, era lotado, ninguém conseguia nem andar dentro do clube, e todos os domingos tinha a "hora do sambão". Tinha um cantor, que você não vê muito, é Cacau Góis que é meio salsa né, para você dançar, rumba, salsa, essas coisas. Então era muito legal, muito, muito mesmo, e aí você dançava todas as músicas que rolasse e era muito bom.

O engraçado era os protagonistas dessa festa né, quando você chegava lá você via aquelas mulheres desfem que naquela época o pessoal tá jurando que desfem é hoje e a gente naquela época já tinha pessoas trans que só, só não se intitulam naquela maneira, é porque na verdade se achavam lésbicas também hoje é que cada um acha um termo diferente de acordo com a roupa que você veste, no estilo que você se comporta. Sempre vinham casais assim uma vestida totalmente de homem em estilo social e a outra totalmente social em estilo super feminina, então sempre assim várias casais e esses casais eram pessoas que se relacionavam a muitos anos, já eram casadas e já tinha um negócio, eram bem sucedida na vida e sempre tinha dinheiro né. E essas pessoas já existiam muito naquela época, elas só não sabiam que tinha esse nomezinho para trocar.

Também frequentei um bar chamado Bananas que era lá em Candeias e você ia aos domingos e aí tinha samba tinha todas as músicas que você dançava era muito legal, era bem bonitinho.

Em Boa Viagem tinha a Butterfly, que era uma boate que tinha aberto, que fazia uma cena Pernambucana, tava entrando no auge e isso já estava ali por volta dos anos 90 para os anos 2000, mas era bonita também, organizada lá, mas assim para gente que morava longe sempre era a mesma coisa, você ia para lá porque só tinha lá, ia para outro lugar porque só tinha aquele outro local, não tinha muitas opções não. Aí nessa época, já tinha alguns bares e boates abrindo, tinham os bares que o dia principal era o domingo, tinham bares que só funcionavam até sábado, tipo de quinta a sábado.

Na rua Visconde de Suassuna (também no bairro da Boa Vista), tinha um bar chamado Requinte, que era uma casa grande, uma casa bonita e era bem organizada,

[36] Referência ao Clube das Pás, localizado no bairro de Campo Grande no Recife (Próximo ao centro de Convenções), o clube é um espaço para dançar, sempre tendo apresentações ao vivo, a maioria de seu público são adultos e idosos, criado em 1888.

lá servia bebidas, tocava música MPB e música internacional, e era super tranquilo, o público era bem variado também, agora sempre era mais frequentado por lésbicas do que por gays.

Na Rua do Sossego no Recife tinha o Cantinho do Sossego, que era um bar mais apertadinho, você entrava de frente e saía de costa (risos), mas dançava um forró, dançava MPB, international, ali no cantinho junto da mesa mesmo, até porque não tinha muito espaço, isso aí rolou por volta do final dos anos 80 eu acho, e que inclusive nos anos 2000 esse bar fechou. Tínhamos um bar chamado Gosto Caseiro, que era na Bispo Cardoso Aires, maravilhoso, esse bar atendia as demandas e as necessidades de todo mundo, durante o dia aberto para almoço e reabria às 17 horas. Tinha uma britazinha no chão e umas mangueiras e ele funcionavam com as mesas ali abaixo das mangueiras, muito bonitinho, tinha um palco para música ao vivo, começava por volta das 17 horas e ia até umas 23 horas, e sempre tinha alguém cantando, tinham mulheres e homens, então eu vi lá Puan, João do Black, Ana, que eu esqueci o nome dela, que ela não era daqui era do interior, e ela cantava muito bem, Jaqueline 7 que já fez show lá, e tinha show também de Drags e travestis, como Márcia Vogue, Odilex, Sérgio Harley que fazia drag de Xuxa, muita gente… Salário Mínimo também, muita gente…Era muito bom. Também tinha a Boate, a Boate era responsabilidade de Hugo, já faleceu. A Boate começava meia-noite e acabava às 4 horas da manhã, às 4 horas da manhã quem quisesse escutar mais música a radiola de ficha estava disponível, e às 7 horas da manhã tinha o café no bar “vá para casa pelo amor de Deus”, tinha uma frutinha e uma sopa para o pessoal ir embora para casa de barriga cheia.

E ainda tem mais (risos), tinha outro bar na Rua da Glória, que era espetacular, também demorou pouquíssimo tempo, uma casa linda, tudo lindo e maravilhoso, foi super rápido, eu acho que era final dos anos 90 (não lembrou o nome).

Tinha um bar na Rua da Matriz que se chamava Paulina, o nome já tá dizendo né as pessoas eram de religiões de matrizes africanas, lá tinha sempre uma música rolando, uma luz vermelha e cerveja tal, e as pessoas se pegando geralmente, era mais mulheres lésbicas.

Na Rua do Riachuelo tinha uma lanchonete chamada Fofocas que a gente amava né, porque a gente fazia o quê? (risos) Era bem escurinha e a gente ia lá subia, pedia uma batata frita, um refri e ficava namorando, ficava lá beijando de boca até cansar para depois ir para casa cedo. Lá do lado do Pit House que era o Última Estação, esse bar, como eu já falei antes, tem aquela questão de não conseguir se manter um bar

tradicional (de não querer mudar ou se adequar ao tempo e aos consumidores reais). Então o que aconteceu foi que começou a onda brega, veio com toda força e eles não conseguiram continuar com o bar no estilo tipo europeu né, não em todas as formas tradicionais, mas era uma coisa bem pitoresca, bem gostoso mesmo. Final da história, eles mantiveram a parte de cima que era mais bonita, mas a parte de baixo se fosse uma garagem, eles reformaram até lá para dentro e se tornou o bar Sete Cores e aí minha amiga era feito um cabaré, o pessoal só não dormia lá, mas aí tinha um negócio de tomar a mulher dos outros, dá em cima e era confusão e era um inferno. Eu não sei se era o comportamento mesmo do pessoal ou eles eram incentivados pela música a fazer isso.

Também tinha o famosão MKB que é Meu Kaso Bar, gente ia de vez em quando, eu não gostava muito dali, mas tinham inúmeros ambientes lá, inclusive tinha quarto escuro… o *Dark Room*, e o pessoal transava mesmo lá principalmente os homens, tinham ambientes dentro de lá que era mais lésbicas, ambiente dentro mesmo do bar que eram mais homens para se pegar.

Encerrando maravilhosamente bem, existia a Mister, que era Boate Mister que depois se transformou em um outro nome que eu já esqueci e agora é a Metrópole, das mais conhecidas, lá é um nível bem maior, tem o Bar Brasil no primeiro andar que a galera vai pra curtir coisas do Brasil né. Quase do lado da Metrópole também tem o Conchittas, nesse daí vai mais homem e o público do Bar Brasil lá da Metrópole dá mais mulher, assim é mais separado assim: tal sexta vai mais mulher e sábado vai mais homem…

Eu ia me esquecendo de um lugar bem pertinho, que ficava em Recife, era próximo do MKB que era o Nosso Jeito, eu lembro de frequentar na época e ele era de brita, tinha umas tendas e tinha umas mesinhas, depois de um tempo o pessoal começou a otimizar o lugar, mudaram o lugar das tendas, fizeram um palco e cimentaram o chão pra fazer dancing, porque era uma coisa que rolava muito bem lá. Abria de quarta a domingo e sempre tinha show, eu vi muito Andréia Luiza cantando lá, vi as Nenas Farias, Kelvis Duran, vi grupos de pagode, vi bandas de brega, inclusive Eduarda Alves e a rainha, Madonna do Nordeste Michelle Melo, tive a possibilidade de ver muitas pessoas lá e o público era bem diversificado, mas lá tinha um controle maior de uso de substâncias ilícitas e de cigarro. Era muito tranquilo lá, gerenciado por duas mulheres, o bar foi se adequando às necessidades do público e foi crescendo, era bem de boa.

3ª Questão:
Virgínia: Como você avalia a relação entre as mulheres lésbicas e os demais frequentadores dos espaços de consumo e lazer? Existe alguma tensão ou conflito?

Entrevistada 1: Vê antigamente tanto em bares comuns como em bares LGBTs, uma época até se respeitava, depois de uma época, não sei se com a influência da música, a galera começou a tipo assim, o banheiro sempre foi um problema, pra você ir no banheiro tinha que ser acompanhada, porque poderiam tomar a sua mulher ou fazer alguma coisa com ela, mas claro que tem a questão de caráter da pessoa em trair ou não.
Mas sempre que eu ia num lugar, que tinha mais homem, como no Mustang por exemplo, sempre tinha uma situação esquisita de algum homem que abordava as meninas lésbicas, tipo de vim querer beijar, pegar no braço pra falar, ficar insistindo e duvidando que a pessoa fosse lésbica. Eu era bem mais jovem, nesse período os homens abordavam a gente na porta do banheiro, sempre muito invasivos, chegando na mesa, abraçando por trás, querendo mostrar né que as mulheres estavam alí como objetos, tipo propriedades deles, o machismo sempre foi assim, sempre passamos por isso em vários espaços. E hoje você percebe mais olhares, e tipo fazem sinal, chegam perto de vez em quando, convidando você para participar ali, não querem levar você pra casa, só querem "usar e abusar" alí como se fosse uma propriedade, sem nenhuma responsabilidade.
Eu passei por uma situação de homofobia em um hotel aqui no Recife que é o Hotel União[37] na Rua da União, que chegou eu e uma namoradinha minha da época, quando a gente chegou a recepcionista olhou pra cara da gente como se a gente fosse trombadinha, então pedimos a ela um quarto, sabe o que ela disse? (risos) Que não! Que lá não aceitava sapatão não, aí a menina que tava comigo perguntou logo o porquê, mas a mulher respondeu que não podia entrar duas mulheres de jeito nenhum e realmente não deixou a gente entrar.
Em algumas situações que eu fui pra bares, aí sentada com uma mulher, normalmente as mulheres que eu me relacionava eram todas femininas, aí o pessoal chegava assim aí eu gostei muito da sua amiga, aí eu dizia "ela não é minha amiga não ela é minha mulher" e eles ficavam assim "oxe, vocês é sapatão é? Eu nem sabia que aqui

[37] Hotel e Motel União, muito frequentado por trabalhadores da região da Boa Vista e LGBTs.

chegava esse povo" e eu logo respondi "chega, e chega muito, chega idiota também", ai acabava em discussão, acabava com a noite e eu acabava vindo emboram pra casa, saía de perto e tal mas sempre era assim, o garçom chegava logo, por que eu conhecia ele, por isso que eu preferia ir mais em lugares que eu conhecia, pra que eu me sentisse protegida de alguma forma por alguém, e claro está na companhia de amigos.

A questão de sempre ter alguém assim nessa abordagem, tanto homens em lugares comuns, quanto mulheres também, uma vez quando eu tava num restaurante uma mulher disse pra mim que pela minha maneira de comer e passar a língua no lábio a mulher veio me dizer que eu tava me lambendo para ela, isso ia me arrumar uma confusão do c****** aí eu coloquei ela no lugar dela, disse que uma mulher da estirpe dela, ignorante e que faz colocações dessa forma, sem que eu tivesse fazendo nada, era uma mulher completamente sem graça para mim, não me dizia a respeito como mulher e não me atraia em nada.

E aí 2007 se eu não me engano, eu sofri um espancamento num bar próximo a minha casa, num bar que eu nunca me sentava, fui lá porque tinha muitos amigos meus, foi muito legal, muito bom de revê-los, só que dentro desse bar tinha bandido né, e a gente não sabe nunca, tinham homofóbicos também, e teve um cara que queria porque queria se agarrar comigo, e na época eu estava com uma companheira. Então eu tava brincando com ela, só para terminar uma cerveja para ir embora pra casa, o pessoal começou a ir embora, já tinha juntado as mesas, então o pessoal que tinha ficado era pouco, aí eu tava dançando inclusive brega brincando, porque uma amiga minha da faculdade gostava muito de brega e eu não gostava de jeito nenhum, e eu ficava achando engraçado aquelas dança né, "limpando janela", "varrendo a casa"[38] tal, que era os passos dos bregas antigamente.

Aí ele veio para atrás de mim para se esfregar, ai a minha companheira foi deu empurrão nele, ele foi e pegou a cabeça dela ficou sacudindo o pescoço dela, aí eu dei um murro nele, ele caiu, e virou uma confusão, ele saiu correndo, eu peguei uma pedra sai correndo atrás dele, atirei a pedra e se pegasse na cabeça dele ele já tava em outro plano, Graças a Deus não pegou. Então eu voltei no bar, porque eu tinha pego umas pimentinhas da casa de uma amiga, que são umas pimentas raras, aquelas pimentas de cheiro que são bem saborosas. Quando voltei para pegar, tinha um casal conhecido lá, que inclusive eu já tinha me envolvido com a irmã dessa

[38] Nomes populares de passos de brega mais clássicos na capital pernambucana

menina, que inclusive faleceu a irmã dela. Aí a esposa desse rapaz, trabalhava quase na frente da minha casa, numa loja. Eu fui né, voltei peguei minha pimentinha, tinha uns dois copos de cerveja ainda na garrafa, aí eu coloquei no copo para relaxar. Então esse casal chegou próximo de mim e perguntou “o que foi que houve?” e eu disse “aquele cara veio querer se esfregar atrás de mim”, ele respondeu: “e por que você não deixou?”, e eu disse “se fosse tua mulher tu ia deixar?”, eu nem terminei essa frase, ele já foi me espancando, dando murro em mim, quebrou meu óculos, arranhou a lente toda, eu perdi minhas jóias, que eu tava de brinco de prata com pingente maciço, e eu fui muito espancada por ele. Tinham outros homens no bar, e os caras só me pegavam para ele bater em mim. Então quando você tá num ambiente, vamos dizer assim “heterosexual”, que nem é de verdade né, mas quando tá no ambiente que você realmente não frequenta muito e não tá com pelo menos alguns amigos, eu recomendo que a gente tenha muito cuidado. Eu particularmente mudei muito meu comportamento depois disso, entrei na justiça contra ele. Foi horrível, porque eu chorei muito fiquei muito machucada, aí meu pai não queria que eu ficasse dentro de casa, porque meu pai não entendia, ele disse que fui eu e que foi por causa da mulher da minha companheira, disse que estava nua e tava com a roupa curta, e não foi nada disso ela tava com vestido na altura do joelho e mesmo que ela tivesse de roupa curta isso não era a causa maior, a causa maior é o que cada um tem dentro de si que é o machismo do cara, e a homofobia dele. Aí eu sofri esse espancamento, no mesmo dia eu fui na delegacia das mulheres, e lá eu fiquei assustada, porque quando eu cheguei, com uma amiga minha, a primeira coisa que aconteceu foi um cara agente de polícia, inclusive não tinha delegacia da mulher em Paulista só tinha no Santo Amaro lá no Recife e fomos lá. Quando chegou lá o cara disse que não resolve por causa de sapatão não, tu acredita que escutei isso numa delegacia da mulher? E aí depois eu acabei falando com a delegada e ela disse para mim que: “infelizmente a gente não pode fazer esse registro aqui, porque você mora em Paulista, se você morasse aqui em Recife poderia fazer”. Então, a gente era muito desassistido naquela época, aí eu venho para a delegacia de Paulista fazer o B.O todinho certinho, tive que repetir tudo uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes e depois quando eu fui ver o B.O tava todo em branco, tinha apenas os bens que eu tinha perdido, porque ele não colocou mais nada.

Ou a gente daqui não colocou aí eu tive que no dia seguinte fazer compra de delito foi para o IML E aí fiquei esperando esperando mais de mês Acabei de fazer cirurgia de varizes porque os pagamentos que eu sofri é machucou muito minhas pernas e

machucou as varizes também E aí foi uma sequência de problemas eu fiquei muito irritada Engordei para caramba depois disso eu acredito que eu fiquei com depressão com alguma coisa só que eu não consegui perceber direito mas eu fiquei com muito medo muito muito muito medo das coisas acontecimento na rua acabei que entrei na justiça fez acariação na delegacia foi horrível revê-lo né coloquei na Justiça Cível e criminal entre julgado e condenado nas duas E aí acabei fazendo um acordo no valor inicial do processo Porque ele se desfez de todos os bens de todas as coisas não tem mais nada no nome dele, ele colocou tudo no nome de outrem e eu que ia me prejudicar de toda forma agora, depois de tantos e tantos anos.

Infelizmente a homofobia gera muita violência e a gente tem que ter todo o cuidado do mundo se a gente não quisesse machucar os direitos preservados não lhe imuniza de apanhar na rua infelizmente.

Em ônibus também de o cara tá vim roçar e você se afastar e ele perceber que tá com uma mulher e vem é sapatão essa p**** por isso que não gosta de rola sabe bem agressivo bem essa Luxúria e a gente passa muita situação complicada mesmo.

E em outros bares principalmente por frequentam aqui próximo de casa tem bares que tem mais amigos meus e aí a gente é bem mais respeitada como eu já falei e tem outros que vêm as pessoas que são sem noção e ficam dando em cima mesmo ai eu queria que você ficasse comigo eu queria isso eu queria aquilo eu quero ver como é que isso que aquilo fica mensagem fantasia de que a gente realiza as fantasias deles que no frigir dos ovos eles são iguais a gente e só não sabem ainda

Questão 4

Virgínia: Você acredita que a ocupação de espaços de consumo e lazer é importante para a formação e consolidação da territorialidade da mulher lésbica em Recife? Por quê?

Entrevistada 1: Em questão do do espaço de consumo e a consolidação dessa territorialidade em relação às lésbicas isso é grande grande muito grande isso teve um crescimento absurdo diante dos anos vamos dizer assim durante 30 anos é completamente assim 100% isso aí em relação à maioria das pessoas porque aquelas pessoas que sempre cultivaram o hábito de sair de ir para esses lugares de ter realmente essa posição dentro do cenário de cultura e de lazer do Recife se apropriou muito bem do da saída né dessa aí daí esse lazer dessa vida a todas as

coisas e já é uma coisa prática mesmo então as pessoas que antigamente iam são as pessoas que estão que tiveram uma mobilidade social adquiriram uma mobilidade social ascendente e isso aí dá uma condição muito melhor para que elas ocupem o lugar que é delas de direito assim como todos

5ª Questão:
Virgínia: E por último como você enxerga a relação entre a ocupação dos espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas e a construção de uma identidade coletiva de uma cultura lésbica em Recife?

Entrevistada 1: E em relação a ver como é que eu vejo essa relação de ocupação dos espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas é aquilo que tinha respondido anteriormente é que a gente que frequentou vários e vários lugares nós já temos essa coisa da identidade coletiva de encontrar um amigo de marcar com outras pessoas um grande exemplo é o mercado da Boa Vista que apesar de ser um espaço altamente alternativo que tem várias opções tem mercado tem música ao vivo tem pares diversos de várias pessoas e ali quando eu falo de espaço alternativo eu falo de opções de lazer e cultura no mesmo ambiente como você vê você a maioria das lésbicas tem o espaço super reservado lá e assim é bom porque como tem muitos gays e as pessoas são muito assim com nível cultural bem melhor aí a gente tem uma aceitação bem melhor também aqui no Recife dentro do mercado da Boa Vista então em sumo quanto mais cultura de quanto mais cultura a gente se cercar muito mais muito menos problemas com violências a gente vai ter pelo menos pessoas que sabem o que é bem as definições do que é uma diversidade de gênero e de cultura no nosso estado e a gente se aproxima disso a gente vai ter muito mais espaços abertos com menos pessoas preconceituosas e uma aceitação de uma forma coletiva as identidades de todas as pessoas e viva a cultura né

-Entrevista 2
1ª Questão
Virgínia: Como você percebe que as mulheres lésbicas se apropriam e ocupam os espaços de consumo e lazer em Recife?

Entrevistada 2: “Vejo essas mulheres lésbicas ocupando bem esses espaços, hoje eu tenho uma tranquilidade de frequentar mais esses espaços de conhecer outros lugares e outros restaurantes e para show e o que eu tiver vontade de ir mas o maior impacto que se dá em relação a condição financeira, então não tem haver com o sentimento de ser acolhido ou se sentir bem naquele lugar, eu acho que o acesso ao lazer e a cultura no Recife ainda é um acesso muito caro. Então é isso, eu acho que está mais atrelado a ter condições financeiras de frequentar aquele lugar, não necessariamente de pertencer.”

2ª Questão
Virgínia: Quais são os principais locais que você identifica como espaços de territorialização lésbica na cidade?

Entrevistada 2: “Hoje eu não vejo mais lugares predominantemente voltados para esse público, então espaços que eu já frequentei, por exemplo a Metrópole, Pit House e outros bares que eram mais abertos para este público, mas percebe-se que eram espaços onde esse público poderia ficar a noite, meio que escondido, bem hoje em dia pode ser que não tenha mais esta necessidade de ficar se escondendo, pode ser ignorância minha, mas acho q se tem mais liberdade para transitar em outros ambientes atualmente, com bem menos preconceito ou qualquer tipo de ofensa que era fácil você ouvir naquela época. Então hoje em dia eu não conheço nenhum espaço voltado mesmo para as mulheres lésbicas, tem a já conhecida Metrópole, mas é pro público LGBT no geral.

3ª Questão
Virgínia: Como você avalia a relação entre as mulheres lésbicas e os demais frequentadores dos espaços de consumo e lazer em Recife? Existe alguma tensão ou conflito nessa relação?

Entrevistada 2: Acho que na maioria dos espaços hoje disponíveis no Recife a gente consegue ter uma boa convivência ela é seja ele passou público ou privado Então acho que a gente tem outras questões né porque eu falando como mulher lésbica mais uma mulher branca né eu tenho questões as questões de Privilégio que eu também não posso aí simplesmente não observar né durante o meu dia a dia então seja para

frequentar um lugar né A minha experiência tem com certeza vai ser diferente de uma mulher negra ou uma mulher lésbica negra naquele mesmo lugar né então sei que tem uma situação do privilégio mas como mulher lésbica nunca percebi ou me sentir ofendida na maioria dos lugares que eu vou que eu falo em Recife

4ª Questão
Virgínia: Você acredita que a ocupação de espaços de consumo e lazer é importante para a formação e consolidação de territorialidades lésbicas em Recife? Por quê?

Entrevistada 2: Acho que é muito mais importante né do que definir territórios mas é muito mais importante definir a agendas né pelo menos a minha visão Então não é como se a gente fosse ocupar aquele lugar né E aquele lugar é só nosso né então eu acho que é importante a socialização de uma maneira geral e aí o que eu sinto falta é a falta de agendas né de eventos assim sabe de discussão vontade para esse público que não precisa ser um lugar né agenda de eventos na Zona Sul na Zona Norte no Recife antigo mas é o que eu sinto falta de agendas para o tema para se fortalecer para as pessoas para as mulheres elas realmente se fortalecerem na situação que a gente vive hoje como sociedade

5ª Questão
Virgínia: Como você enxerga a relação entre a ocupação de espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas e a construção de uma identidade coletiva e de uma cultura lésbica em Recife?

Entrevistada 2: É eu acho que em casa um pouco com o que eu falei agora a pouco a pergunta anterior isso a gente precisa ter agendas positivas mas e agendas fortes tudo para fortalecer mesmo essa comunidade e elas se reconhecerem né então quando isso acontece seja lá um grupo para uma roda de conversa né Eu acho que quanto eu era mais jovem né a gente tinha muito mais isso mas se fortalecimento de dessas mulheres saírem juntas para qualquer lugar aí não necessariamente para um lugar específico eu acho que existe uma agenda né para isso que elas mesmo criavam hoje eu não vejo o tanto

-Entrevista 3

1ª Questão
Virgínia: Como você percebe que as mulheres lésbicas se apropriam e ocupam os espaços de consumo e lazer em Recife?

Entrevistada 3: Nós tínhamos mais opções de bares né Hoje existe hoje poucas boatos mas assim eu sinto falta de alguns bares para poder a gente passear um pouquinho e a gente ficar um pouco mais à vontade porque às vezes nos Bares que são dedos caretas a gente às vezes se sente um pouco incomodada por conta dos olhares e até amedrontada né que a gente pode bater de frente com alguma homofóbico então assim eu acho que a gente precisa mais de ambientes que seja mais agradáveis e que nos recebeu melhor

2ª Questão
Virgínia: Quais são os principais locais que você identifica como espaços de territorialização lésbica na cidade?

Entrevistada 3: Não frequenta tanto não porque aliás pouco frequenta né porque eu tô casada mais de 11 anos e a gente frequenta mais assim a casa dos familiares da gente dos amigos a gente se sente mais à vontade no espaço assim do que exposto mas alguns bares que o baga frequenta que eu fui algum tempo atrás O último que eu fui foi o conchitas Metrópole também mas faz muito tempo que eu fui na metrópole Faz muitos anos que eu fui na metrópole nem lembro quanto tempo faz e só a gente vai aguentar back assim a gente sabe que não tem problema né de sentar tipo o Dogão de Olinda a gente às vezes vai vale da Beira Mar de Olinda marisqueira mas assim o Zé perninha mas bate mas que o povo não tem muita frescura com casais gays né recebe a gente de boa pelo menos isso trata bem.

3ª Questão
Virgínia: Como você avalia a relação entre as mulheres lésbicas e os demais frequentadores dos espaços de consumo e lazer em Recife? Existe alguma tensão ou conflito nessa relação?

Entrevistada 3: Ele como a gente tem poucas opções apesar de hoje a gente ter uma aceitação entre aspas né Maior da questão LGBT e mas a gente ainda sofre tipo

olhares discriminando apontando sabe fazendo gesto assim tipo olha para mim duas sapatão né mas situação assim e agressão alguma coisa desse tipo não ainda não sofri não.

4ª Questão
Virgínia: Você acredita que a ocupação de espaços de consumo e lazer é importante para a formação e consolidação de territorialidades lésbicas em Recife? Por quê?

Entrevistada 3: E a gente sabe que o preconceito existe por mais que muitos dizem que não tem preconceito mas a gente sabe que tem que tem homofobia né Eu acredito que tem que ter mais espaço para a gente poder se sentir mais à vontade Às vezes a gente vai para festas e quando tem algumas festas assim em algum bar que ocorra assim de nós irmos tivemos uma festa na beira mal de Maria Farinha onde a maioria era homens a maioria não deixa quietinho né gays e eu não tinha casado de lésbicas mas a maioria era homem e a gente às vezes encontra lugares onde ele só vai homem a maioria que vai é homem não vai mulher porque tem vários né a pessoa mais para homens mesmo eu tomasse encontrar do que para mulheres e a gente sente falta de um lugar agradável que a gente possa ser bem recebida a gente pode ficar à vontade a gente possa se abraçar se beijar sem ter os olhares de escrever na sala de outras pessoas

5ª Questão
Virgínia: Como você enxerga a relação entre a ocupação de espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas e a construção de uma identidade coletiva e de uma cultura lésbica em Recife?

Entrevistada 3: É muito pertinente essa sua pergunta que maneira eu enxergo porque a gente não tem essa representatividade né A gente não tem esses espaços nossos precisamos de um ambiente que a gente possa se mostrar mais a gente se sinta vontade que a gente não se sinta perseguida a gente não se sinta aguada eu já tenho 56 anos de idade e assim aí às vezes a pessoa com uma mulher velha sapatão né porque eles não dizem lésbica eu combato muito isso com meus alunos eles chamam para todos não sapatão não lésbica porque a gente é discriminado sabe eu sei que dentro da escola se os meus alunos de alguns né dos alunos pudesse principalmente

que só evangélicos eles não teriam aula comigo ele é uma outra professora que fosse hétero de preferência evangélica Então essa questão desse território da gente buscar eu creio que a gente já ganhou um pouquinho né de território do que na época que eu me assumiu a gente aquela época não tinha território quase nem eu lembro que a gente se esconder os guetos os bares escondidos por aí naquela época existia mais espaço para gente porque era mais proibido né a gente era vivia nos dedos escondido hoje não a gente tem uma liberdade maior porém os bares e os ambientes locais para nós desapareceram são poucos Eu particularmente eu não conheço atualmente Eu Não frequento o lugar eu não conheço não sei onde é que tem um bagulho assim para mulher entendeu como eu digo que a gente vai de vez em quando e só é nós metrópoleão eu nem vou muito na metrópole não faz muito a minha não prefiro conchittas eu acho mais povão né mas é isso eu acho que a gente precisa para quem vende esse território a gente buscar a gente conquistar a gente lutar por ele porque a gente tá precisando

-Entrevista 4

1ª Questão

Virgínia: Como você percebe que as mulheres lésbicas se apropriam e ocupam os espaços de consumo e lazer em Recife?

Entrevistada 4: Olha eu acho que as mulheres lésbicas elas procuram muito espaços que tenham mulheres lésbicas lésbicas também fazerem demonstração de carinho, sem ser violentadas, A gente entendeu agredidas entendeu E nem recebeu olhares e de indiferença por parte de pessoas héteros entendeu então eu acho que antes de ser uma antes de ser uma questão de orientação sexual de proteção da mulher entendeu da integridade da mulher está em lugares que elas se sentem seguras entendeu, de ter o direito de fazer um carinho na pessoa que ela está se relacionando eu acho que por aí

2ª Questão

Virgínia: Quais são os principais locais que você identifica como espaços de territorialização lésbica na cidade?

Entrevistada 4: Eu acredito porque assim a minha vivência foi muito baseada no que eu vivi há 15 anos atrás mas isso quer dizer que eu não acompanho os locais hoje porque hoje eu tenho eu tenho 38 anos então quando eu sair então já se passaram aí uns 16 anos que é muita coisa em 16 anos podem ter mudado Mas o que eu percebo de amigos e de pessoas que convivem comigo assim e que ainda estão ainda nessa nessa atmosfera ainda do bar é um barzinho entendeu e mais intimista com barzinho mais escondido show Eu também percebi que algumas estão na minha faixa etária e que não estão na minha faixa etária elas procuram muito show porque o show é um lugar que tá todo mundo muito na vibração da Alegria entendeu Aí ele procurando tá nesse lugar e o barzinho que é uma coisa mais para se conhecer entendeu assim leva para o barzinho vamos lá vamos tomar uma vamos conversar então eu vejo que ela procuram muito dar nesses lugares entendeu no barzinho no show Então dependendo da faixa etária que você queira classificar eu acredito que as mais novas estão ainda nas praças entendeu porque como eu vim de uma comunidade e ainda ainda assim tenho ainda memória da comunidade Eu frequento lá ainda porque minha família lá elas não tem muito a questão da como é que do acesso aos espaços de entretenimento, são pessoas que ainda estão na sua vida escolar, não tem uma renda entendeu, então elas estão na escola então na escola Onde eu trabalho Trabalho com meninas do sexto ano então elas são de aquelas onde é que elas estão porque eu sempre pergunto para ela se tu namora com Fulano tu namora com pulando onda é aqui na escola então elas estão na escola elas são uma praça essas meninas que tentam a média de 12 anos 13 anos que estão se descobrindo então nesses lugares entendeu aí para ir para cima aí tá no barzinho tá no show e assim vai subindo a escada.

É um lugar que eu frequentava ele ele mudou o nome porque ele mudou de pegada entendeu agora é um restaurante mas era Pit House, Castelinho Marrom, Nosso Jeito Bar, ah também tinha o Bar da Foca na zona norte Recife entendeu bar da foca que era era era um barzinho Depois virou um espetinho aí depois virou mais nada e virou só um ponte um Point e assim foi entendeu mas era basicamente são esses que eu consigo lembrar agora mas é isso.

Virgínia: e em relação a festas?

Entrevistada 4: Como assim assim Fez relação a festa mas direcionada para mulheres assim mais assim né uma coisa mais focada né que tu tá falando então eu sou eu sou de um grupo e eu toco no grupo só de mulheres que é o tambores de saia então lá tem muita menina que tá namorando com outro tá casada e tem todo um estado de relacionamento eu fazia eu fazia parte do colégio entendeu as meninas faziam festas muito particulares entendeu particular então e faz uma festa entre elas então assim É que na verdade existe grupos se organizando que elas perceberam que não tem muito espaço para elas entendeu para que elas possam se conhecer para que elas possam conversar por quê Porque isso gera muito custo entendeu isso gera muito custo de atrações porque tipo porque a gente tem um um gosto muito bom Muito bom eu vou dizer que a gente tem um gosto muito bom entendeu E a gente tem muita gente quando a gente vai para um lugar a gente quer Banheiro limpo a gente quer bebida gelada a gente quer um sofá para a gente sentar para conversar a gente quer um lugar de um módulo bom para quem fuma que é um fumando assim de longe da galera que tá curtindo na pista entendeu então assim a gente encontrava encontra mas que não é um lugar que tem esse perfil que a gente gosta eu digo a gente gosta Ah mas aí você tem que ter oito anos a visão de uma menina mais nova É tipo uma Vibe que você vai e só curte mas tem pessoas mais novas que também gosta de uma coisa tenha um toque mas agradável entender uma coisa mais acolhedora aconchegante então com várias mulheres que tem várias várias faixa etária de idade então quando eu converso com elas Eu também quero saber quais são os gostos que ela tem de música de culinária de tudo de tudo então eles são caros não são ambiente de baralhos então aí eu volto elas estão se organizando entre elas em festa de amiga Ah eu tenho uma amiga casada vai para casa das amigas e as festas se rolam assim sabe né Isso aí da vida dessa forma na casa dos amigos que eu percebo

3ª Questão

Virgínia: Como você avalia a relação entre as mulheres lésbicas e os demais frequentadores dos espaços de consumo e lazer em Recife? Existe alguma tensão ou conflito nessa relação?

Entrevistada 4: Veja a minha relação ainda é um pouco de resistência entendeu porque eu acredito que deve deve haver espaços para que a gente possa utilizar de acordo com o modelo da nossa família que não é o mais o tradicional que já acabou

se há muito tempo e que a gente precisa não é que a gente deve formar bolhas para os nossos filhos não é isso porque eu tô dizendo é que os lugares não estão acessíveis ainda porque quando a gente chega com a nossa família que é diferente que é uma família até que não tá dentro do enquadramento LGBT que é só uma mãe e uma avó um pai e o filho essas pessoas elas não são bem recebidas por quê Porque elas não estão acostumadas no lugar a lidar com diferença a sociedade se ela não tá pronta para lidar com diferente então pra gente ter um desgaste na frente porque uma coisa é você sozinha com a sua namorada para estar aqui com base isso é questionável outra coisa é você mostrar a resistência e direito de sabe de habitar sabe no espaço urbano sabe social enfim com uma criança entendeu então eu não me sinto acolhida não me sinto bem recebida nos espaços de como heterossexuais tipo shopping ainda não me sinto confortável à tarde eu ainda não me sinto confortável porque ainda existe um olhar muito muito em cima da nossa família agora isso não quer dizer que eu não vou eu vou mas vou me preparando psicologicamente me preparando preparando minha família preparando todo mundo sabe o cenário para que as pessoas não se choquem entendeu quando eu falar porque a questão é a pessoa que ficam chocadas o tempo todo mas Pudesse responder é como se a gente tivesse que ficar calada quando uma pessoa olha diferente você perguntar pois não deseja alguma coisa você deseja falar comigo e as pessoas se chocam não mas você tem que ignorar Depende da pessoa Depende do momento depende do Olhar Depende de muita coisa então esses espaços para mim ainda ele não me servem como modelo de lugar para se frequentar

Virgínia: E você já sofreu alguma violência (homofobia)?

Entrevistada 4: Sim tem vários eu posso até aqui para não dizer todos resumir um lugar foi no transporte público eu tava voltando de Recife e Olinda eu morava em Paulista Conceição Maria Farinha e eu tava no ônibus eu já era casada e tudo e eu tava sentada naquela cadeira mais alta né do do ônibus e eu tava um pouquinho cansada aí eu deitei no Ombro da minha esposa assim né E aí tem uma senhora atrás que ficou me xingando que ficou me xingando ela e ameaçou desde cedo o ônibus porque ela estava na nossa presença eu sou uma pessoa que eu não tenho eu tenho controle emocional hoje esse velho mas antes eu não tinha Problema Emocional por ser mais jovem por não ter me tratado e não ter tratado minha saúde mental com a vida

é a responsabilidade ou com conhecimento que eu tenho hoje também que também existe essa questão do conhecimento que eu não tinha saúde mental ela tá em falta muito forte Ela já esteve antes já tem muita gente lutando aí na casa da Saúde Mental mas com a explosão da como é que se diz redes sociais da mídia sabe e as campanha chega mais para gente dizer chega mais para gente esse tema ele já existia mas ele chega com mais facilidade mas com rapidez por causa da globalização entendeu então eu sou parte dessa globalização e aí quando chegou para mim eu já era um pouco mais né Eu já era mais velha e aí eu pude me cuidar então eu não tive controle emocional naquele momento Então ela ela tem que ter uma crítica sobre mim ameaçando a minha forma de viver e me agredindo com palavras porque com a força fui eu então eu dei uma resposta sabe que não foi uma das melhores mas foi aquela que eu tinha naquela época foi aquela que eu consegui hoje traria outra forma de me defender mas naquela época eu fui para briga mesmo eu fui para cima essa me marcou bastante

Virgínia: E você denunciou?

Entrevistada 4: Eu não eu não cheguei a denunciar porque a pessoa é em questão ela não eu não tive tempo eu não tive tempo de chegar no espaço jurídico e formalizar a minha a minha queixa Mas não foi por falta de de situação não foi por causa de doação não foi por falta de tempo meu mesmo de apoio emocional jurídico físico e financeiro tudo tudo tudo para que pudesse uma pessoa mentalmente organizada chegar lá sentar e falar sobre sobre agressão de sofrer então não é que eu não precisei mas eu não utilizei dessa dessa ferramenta sabe eu não usei essa pergunta mas eu precisei

4ª Questão
Virgínia: Você acredita que a ocupação de espaços de consumo e lazer é importante para a formação e consolidação de territorialidades lésbicas em Recife? Por quê?

Entrevistada 4: Com certeza eu acho que a gente precisa estar lá porque se a gente se a gente não tiver na cabeça na ponta puxando quem tá chegando agora esses espaços ali vai ser dominante predominantemente É masculino É branco burguês ele vai ser sabe é é um espaço segregado segregador então não pode esse espaço ele

precisa ser preocupado por todo mundo ele pode tem que ser universalizado por todos e por todas, porque todos nós consumimos entendeu E aí aquele lugar ele precisa ter a nossa cara ele precisa ter o nosso gosto ele precisa ter a nossas escolhas entendeu para que a gente possa dizer assim eu tô num ambiente que muitas passaram por aqui foram as medidas foram olhadas diferentes hoje ele está dessa forma porque muitas vieram antes de mim entendeu antes de mim e fizeram porque esse espaço ele fosse hoje o que ele é hoje o que ele é então eu acredito sim os outros ambientes eles tenham que se adaptar as nossas necessidades a gente precisa fazer para ninguém não porque a gente vive corretamente trabalha a gente tem nossa vida e com quem a gente dorme não me interessa então pouco me importa com quem a pessoa dorme se eu tô com meu dinheiro no pix, então se adapta o mercado, ele que precisa se adaptar a mim, não eu a ele.

5ª Questão

Virgínia: Como você enxerga a relação entre a ocupação de espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas e a construção de uma identidade coletiva e de uma cultura lésbica em Recife?

Entrevistada 4: Eu acho que é importante a gente fazer essas trocas porque é um crescimento muito grande porque a partir do momento que eu tenho um posicionamento que eu acredito que ele é correto que ele é um é ele acrescenta ele modifica a vida entendeu o princípios com base sabe com certeza naquilo que eu tô fazendo para minha vida ficar dando certo eu quero também espalhar isso eu quero contribuir na vida de outras mulheres que estão iniciando e estão meio perdidas que a gente precisa de representatividade não só ali no pedestal lá no culto lá na TV mas pertinho da gente para que a gente possa perguntar mais que a gente pode você fez para ter sua filha como que você cria sua filha explicando para ela que ela tem duas mães ou dois pais ou uma mãe e o pai e assim a diversidade em todo como é que você faz porque eu tenho dificuldade Então essas trocas elas precisam existir e aquelas mulheres que não são lésbicas e lésbicas e não lésbicas né que não se identificam ainda que não se descobriram precisa também ver que nós somos muito felizes entendeu da nossa forma da nossa maneira do nosso da forma que Nós

escolhemos ser né não na questão orientação sexual Mas da forma que Nós escolhemos ser assim ser feliz sabe viver a vida e viver a vida tranquilamente como todo mundo vive E essas pessoas elas terminam aprendendo muito com o nosso exemplo tem nada vai tentar fazer um discurso perfeito coerente com ele na hora do alcance dessas mulheres se eu não conseguir dialogar com ela da maneira que ela me entendam entender que elas me entenda que não é exemplo de do momento que minha filha tá lá eu da minha água da minha filha tá brincando com ela minha esposa tá perto para ganhar amamentar ela pegar para mim perguntar como é que ela dorme se ela dorme bem se ela não dorme ou até mesmo se não for uma mãe mais que aquela que tem o dele para o futuro que era um Norte porque ninguém responde as perguntas dela e ela também não pode perguntar porque às vezes ela não ainda não foi o medo de socializar essa parte da vida dela porque não é não é uma questão de aceitação mas assim de carregar com ela todas as mazelas que a gente vai carregar quando a gente se posiciona sabe que a gente diz assim olha eu sou lésbica mesmo ele fica com outra mulher eu vivo minha vida do jeito que eu quero mas aí você sabe que o posicionamento ele traz uma carga muito grande de responsabilidade então é muito importante que a gente tem coisa que felicidade tá no modelo ele está mais pessoas que decide viver melhor então é isso que a gente precisa fazer quando a gente tá nesses lugares e sempre está de olho naqueles que tentam invadir nossos espaços de dar um basta olhar aqui não e você não se manifesta você tá nesse lugar com tanto direito quanto eu então aqui você não se cria Então não é que a gente vai andar armado o tempo todo Opa mas a gente tem que estar Atento e vigilante isso aí a gente infelizmente

-Entrevista 5

1ª Questão

Virgínia: Como você percebe que as mulheres lésbicas se apropriam e ocupam os espaços de consumo e lazer em Recife?

Entrevistada 5: Veja só eu sou de uma década… de um período, década de 80 e 90, aonde tinha uma concentração muito grande no centro do Recife de espaços, eu até hoje eu costumo chamar de guetos, porque eram os lugares onde as pessoas se encontravam, por diversas razões: primeiro porque era uma… ainda era uma questão muito… como é que eu posso dizer… constrangedora aos olhos da sociedade né,

então a sociedade empurrava mesmo pros guetos. Tinha a questão das famílias também muitas famílias não sabiam, então nessa época havia uma grande concentração de bares no centro de Recife de bares, bares que em sua maioria se concentrava mais mulher, tinha alguns bares específicos que eu posso citar um aqui que é o Mangueirão que era um espaço que tinha shows de transformistas, mas era uma concentração muito grande de rapazes…

Virgínia: Mas como que ocorria essa ocupação? Sempre de forma paga?

Entrevistada 5: Então como a gente tá falando de bares eram sempre espaços pagos a partir do consumo. Tinha uma época que tinha uma boate chamada Mister, que hoje é a Metrópole, que você pagava a partir da entrada, mas na maioria dos espaços a despesa era o seu consumo. Então você tinha grana você consumia, se não tinha você não consumia, mas você estava naquele espaço vivendo seu momento ali.

2ª Questão
Virgínia: Quais são os principais locais que você identifica como espaços de territorialização lésbica na cidade?

Entrevistada 5: Então você nunca vai ver um espaço único e exclusivamente para mulher, Você tem espaços onde tem a predominância, então por exemplo ali no centro da cidade, naquele perímetro que você tem da Rua do hospício, Rua da Conceição, Rua Sete de Setembro, Rua Gervásio Pires, tinha o Maria Bethânia, o Refúgio, tinha o Habeas Corpus que era conhecido como HC. Saindo do centro indo mais para Periferia tinha ali na Rua das Moças o bar da Cris que aí nesse bar você pagava para entrar porque tinha shows, foi um bar que eu assisti por exemplo Elke Maravilha, Raça Negra, assistir coisas nesse sentido que a Cris trazia e você pagava mas em todos esses lugares você encontrava rapazes, mas tem uma coisa que chama atenção nesses lugares, que em sua maioria sempre tinha um número mínimo de héteros masculinos, mas numa questão de observador e se comportassem poderiam permanecer naquele local se não se comportasse nós tínhamos a prerrogativa de exigir a saída deles do espaço. Em Olinda, nós tínhamos o Maria Maria, que também era um lugar, que quem era da minha geração vai lembrar, lá era muito tranquilo. E aí nesses espaços tinha todo um movimento, você levava a sua namorada, você

arrumava uma namorada lá, você só paquerava era um ambiente… como eu posso dizer… eram muito românticos, as músicas tinham muito em sua trilha sonora: Ângela Rô Rô, Simone, Maria Bethânia, Gal Costa, então era uma predominância na trilha sonora feminina, também Joana que eram as divas lesbianas… eram as divas, era muito predominante elas na trilha sonora, mas era um espaço onde se vivia e se conseguia sair do da pressão social era bem interessante, e aí tinha os pontos de encontro, que eram os points, a gente se encontrava ali e depois seguia, como nós tínhamos o Cine Veneza, a Escola de Engenharia, tínhamos o DCE, nós tínhamos o Mustang como ponto de encontro né. Assim com o passar do tempo esses lugares foram perdendo o força quando a gente menos esperava tinha fechado eu acredito a liberdade a conquista da Liberdade no caso no direito de ir e vir espontaneamente e também o poder econômico dessas mulheres ele se transforma a partir do momento que essas mulheres saem da dependência familiar porque ainda era todas muito jovens sei lá entre 18 e 25 anos ainda era uma turma que estava em busca do seu primeiro emprego e aí a partir dessa autonomia econômica começa-se a ter seus espaços… e eu acho que isso (a liberdade de transitar em outros espaços) contribuiu muito para que esses espaços fossem perdendo força ao ponto de fecharem, mas alguns foram fechados pela pressão social tinha um bar chamado Gosto Caseiro, eu acho que era isso Gosto Caseiro, esse foi praticamente fechado, porque a vizinhança ali na Rua da Soledade mandou fechar, porque não aceitavam de forma nenhuma aquele movimento ali, porque o movimento era muito grande.

3ª Questão

Virgínia: Como você avalia a relação entre as mulheres lésbicas e os demais frequentadores dos espaços de consumo e lazer em Recife? Existe alguma tensão ou conflito nessa relação?

Entrevistada 5: Olha, sempre teve tensão que era a tensão do olhar do outro, então, eu me lembro que na época tinha meninas bem menininhos na sua característica física, em forma de vestir, de lhe dar, de andar, e isso chamava a atenção do olhar do outro, e por vezes havia xingamentos, eu tenho uma experiência que uma vez saindo do clube da Cris, surgiu de algum lugar, ninguém viu, ninguém sabe de onde, mas surgiu ovo para tacar na gente saiu do clube, e em um outro momento, em que a gente saindo da Cris, o cara xingou e houve uma garota que reagiu e puxou a arma, e sem falar das

alcunhas, na agressão verbal que tinha muito né? Mas essa tensão que você fala nos espaços, essa tensão nunca era de dentro pra fora, essas tensões surgiam a partir do momento em que todo mundo se sentia agredido verbalmente ou um assédio moral ali porque uma mulher era bonita e gostava de outra “que desperdício” essas coisas, esses ditos que até hoje ainda se escuta, e aí existe uma coisa que eu acho também muito forte que vai chegando uma geração com outro conceito, com uma outra estrutura já meio que um lastro de segurança, e essa nova geração chega e diz esse espaço é meu goste quem gostar, e aí você vai ter um lugar muito relevante nisso que é o lugar lá no shopping Boa Vista, um lugar chamado Pit House la na rua do Giriquiti, ali não tinha para ninguém não, quem quisesse fechasse os olhos, porque ali eu sou livre, eu faço o que quero, mas aí eu digo a você que eu nesse momento me coloco com espaço de observadora e fico olhando tudo aquilo acontecer e me lembro que eu pensei muito assim: Meu Deus! como lutei para que essa turma fosse isso. Mas isso foi por imposição mesmo, foi luta, não pediram licença, disseram: Olha, o espaço é nosso. E aí você via uma galerinha bem jovem nesse processo, nunca na história do Brasil uma garota com 15-16 anos fazia um enfrentamento desse, social. E quando você vem para os anos 2000 você encontra essa galera ali, que diz, tô aqui, esse espaço é nosso, e acho que a partir daí você começa a encontrar meninas de mãos dadas e meninas se beijando

4ª Questão
Virgínia: Você acredita que a ocupação de espaços de consumo e lazer é importante para a formação e consolidação de territorialidades lésbicas em Recife? Por quê?

Entrevistada 5:
5ª Questão
Virgínia: Como você enxerga a relação entre a ocupação de espaços de consumo e lazer pelas mulheres lésbicas e a construção de uma identidade coletiva e de uma cultura lésbica em Recife?

Entrevistada 5: Veja, eu acho que a gente volta pra essa mesma questão da territorialidade né, então eu ao meu ver eu não consigo perceber e perdoe-me talvez a insensibilidade, eu não consigo perceber a necessidade de territorializar para formar identidade, para estabelecer identidade, para apropriar-se da identidade. Ai eu falo a

partir de mim quando eu não preciso de nenhum espaço para ser quem eu sou, porque o que eu sou aqui, dentro da minha casa, eu sou na universidade, eu sou no trabalho, mas aí eu acho que são características muito individuais e pessoais, porque eu particularmente não sinto a necessidade desse espaço, de saber que ali é meu, eu preciso ocupar e alí vai me representar, eu não sinto essa necessidade, porque mais uma vez eu insisto, a partir do momento que a gente territorializa a gente cria guetos… a partir do momento que eu não reconheço o bar que tem próximo aqui a minha casa como um espaço que eu posso frequentar e ter um gesto de carinho com uma parceira ou companheira, ou olhar para uma mulher com olhar de interesse, eu tiro de mim toda essa história que vem de mim, que foi construída e de certa forma, institucionalmente o estado de certa forma lhe traz esse aparato, porque o estado diz que você não pode ser assediada, no sentido de ser constrangida, você não pode ser retirada, nada disso, já existe um aparato tá. O que eu acredito é que precisa haver uma transformação, ainda, do ser humano. Eu acho que as conquistas estão postas, é óbvio que o seu filho ou sua filha eles vão viver melhor do que você, mas isso é uma evolução mesmo, você vive melhor do que vivi, mas eu acho que isso é uma construção social e não acredito que seja territorializando, eu acredito que seja no enfrentamento, no embate político, na discussão da narrativa, do discurso sabe. Eu acho que tem uma pessoinha, que ao meu ver hoje, não tem ninguém que faça melhor do que ela que é a Erika Hilton, ela não pediu um banheiro feminino, ela não pediu uma bancada trans, ela não falou nada disso, ela disse eu estou aqui, aqui é o meu lugar, porque aqui me colocaram. Eu acho que essa é uma transformação de mentalidade mesmo, eu acho que é uma evolução humana… Haja vista, “queiram ou não queiram os juízes”… quem compreendeu que bom que hoje tem um outro olhar, quem não compreendeu tem que engolir, principalmente porque o poder econômico hoje é muito relevante. Se você for para a estatística econômica você vai ver que o maior público gastante é o público homossexual independente se for menina ou menino, é um público que movimenta a economia do país de forma muito precisa. Primeiro, geralmente, este público que faz isso é bem sucedido, é um público que se preocupou na formação acadêmica, que foi discutir isso dentro do espaço de enfrentamento político entendeu. Então a turma que discute hoje não é a minha turma que discutiu no passado, que não sabia conceitos, que não tinha referências, não que não já houvesse, é que não se tinha a cultura do estudar, do se embasar, do pesquisar, eram ideias que estavam ali a universidade era outra coisa, o ensino médio já era suficiente, o “científico” na época

(risos). Então eu acredito que este espaço já o tem, é óbvio que a cada dia que passa é preciso afirmar mais e tudo mais…